

UNEMAT

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

Carlos Alberto Reyes Maldonado

PROFLETRAS

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS

Rede Nacional

MESTRADO

UNIDADE CÁCERES

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado



PROFLETRAS

Rede Nacional

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Linguagem
Cidade Universitária - Cáceres-MT
Tel. (65) 3224-1307
profletrascaceres@unemat.br

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

SILVIA MARIA DA SILVEIRA

**CONTOS AFRICANOS: UM CAMINHO PARA A LEITURA E ESCRITA NO
QUINTO ANO, POR MEIO REMOTO**

CÁCERES – MT

2021

SILVIA MARIA DA SILVEIRA

**CONTOS AFRICANOS: UM CAMINHO PARA A LEITURA E ESCRITA NO
QUINTO ANO, POR MEIO REMOTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras–PROFLETRAS, da Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT, para obtenção do título de Mestra em Letras, sob a orientação da Professora Doutora Vera Lúcia da Rocha Maquêa.

**CÁCERES – MT
2021**

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

S587c SILVEIRA, Sílvia Maria da.
Contos Africanos: Um Caminho para a Leitura e Escrita no Quinto Ano, por Meio Remoto / Sílvia Maria da Silveira – Cáceres, 2021.
110 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profletras, Maquêa Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.

Orientador: Vera Lúcia da Rocha Coorientador: Olga Maria Castrillon Mendes

1. Ensino Remoto. 2. Contos Africanos.. 3. Leitura. 4. Escrita. I. Sílvia Maria da Silveira. II. Contos Africanos: Um Caminho para a Leitura e Escrita no Quinto Ano, por Meio Remoto: .

CDU 821.134.2(6)-34

SILVIA MARIA DA SILVEIRA

CONTOS AFRICANOS: UM CAMINHO PARA A LEITURA E ESCRITA NO QUINTO
ANO

BANCA EXAMINADORA
PARTICIPAÇÃO DE FORMA VIRTUAL

Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia da Rocha Maquêa (UNEMAT)
ORIENTADORA

Prof.^a Dr.^a Renata Beatriz Brandespin Rolon (UEA)
AVALIADORA

Prof.^a Dr.^a Olga Maria Castrillon Mendes (UNEMAT)
AVALIADORA

APROVADA EM 29/04/2021

Dedico este trabalho à minha orientadora Vera Lúcia da Rocha Maquêa e a todos os meus alunos, pela credibilidade e aceitação em fazer parte de uma intervenção remota em tempos de pandemia.

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação de mestrado não poderia chegar até aqui, sem o precioso apoio de várias pessoas.

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer a Deus pela perseverança; por me fazer acreditar que nunca devemos desistir dos sonhos; por ter me dado forças para seguir em frente e não desanimar, apesar de todos os obstáculos surgidos no caminho;

Ao meu esposo Noel Luiz da Silveira, pelo carinho e apoio durante esses dois anos.

Aos sobrinhos Adrielle Dallette Ramos e Cleyton Ramos, por me receberem com amor e acolhimento.

À minha querida mãe, por entender minha ausência no momento em que mais precisou da minha presença.

Ao meu pai, pelas orações e pela preocupação que lhe causei, pela distância entre Paranatinga/Cáceres.

À minha irmã Isabel por entender minha ausência quando mais precisou.

À minha sobrinha e afilhada Vanessa por me socorrer tecnologicamente sempre que precisei. As Colegas Cláudia e Rosilane pela companhia na estrada e obstáculos vencidos.

A toda Turma VI, pelos dois anos de companheirismo.

À minha orientadora, querida professora e orientadora Dra. Vera Lúcia da Rocha Maquêa, da Universidade Estadual de Mato Grosso, pela amabilidade ao conduzir essa orientação e me aceitar como sua orientanda. Por toda a paciência, empenho e sentido prático com que sempre me orientou neste trabalho, principalmente nos momentos de angústia pandêmica. Muito obrigada por me ter corrigido quando necessário sem nunca me desmotivar.

Desejo igualmente agradecer a todos os meus professores que ministraram disciplinas para a turma VI do PROFLETRAS. E ainda aos professores convidados: Eni Orlandi e Mariza Vieira, foram contribuições teóricas que nos possibilitaram esboçar novos caminhos, reflexões e decisões para a pesquisa.

À banca de qualificação e defesa, por aceitarem o convite para serem membros desta banca.

Às equipes gestoras e todos os profissionais das Escolas: Escola Estadual Osvaldo Cândido Pereira e Escola Municipal 03 de Maio, por acreditarem que nosso trabalho fosse possível.

Aos meus amigos e familiares que não foram aqui nomeados, obrigada pelo carinho e pela energia positiva que me enviavam.

Meus agradecimentos se estendem também ao Governo do Estado de Mato Grosso e à Secretaria de Estado de Educação – SEDUC MT, por reconhecerem os efeitos que a qualificação do professor em nível de mestrado produz na formação dos alunos da educação básica.

Muito Obrigada!

De que valia ser criança se
lhe faltava a infância?
Este mundo não estava
para meninas.

(O Rio das Quatro Luzes, Mia Couto)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma abordagem de Leitura, reflexão e escrita a partir de contos africanos, desenvolvida sob a forma de intervenção pedagógica remota, com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal 03 de Maio, no município de paranatinga-MT. Como parte dos trabalhos realizados no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, ofertado na Universidade do estado de Mato Grosso - Unemat, unidade de Cáceres MT. Foi desenvolvido considerando a base crítico teórica, os autores: Michèle Petit, Benjamin Abdala Junior, Tania Macedo, Rita Chaves, Carmen Tindó, Ana Mafalda Leite, Teresa Colomer, Inocência Mata, entre outros. Nessa perspectiva, o objetivo central desta pesquisa é promover ações que busquem o desenvolvimento de atividades de leitura e escrita de contos africanos, para a compreensão de textos literários e o aprimoramento das relações étnico-raciais na escola e fora dela. Com a participação dos alunos, obtivemos regras de estudos e modos diferentes de leitura, tais como desenhos, confecção de vídeos, para que pudéssemos encontrar formas de leitura que não fossem voltadas tão somente a prática de leitura textual, geralmente enfadonho para alunos do 5º ano. Além disso, com a intenção de abrir caminhos para a inserção de outros sujeitos com este projeto dentro da escola, com o objetivo de relacionarmos a leitura de contos africanos em sala de aula, e, assim refletirmos sobre os textos que circulam. Por fim, como produto final, foi confeccionado um vídeo sobre o conto: *O dia em que explodiu Mabata- bata*, a partir das dificuldades de entendimento sobre a leitura do conto, durante o processo. O trabalho colocou em evidência vários modos de leitura e possibilitou uma consequência de interpretação e reflexão na escola, fazendo com que, aquele 5º ano se mostrasse responsabilizado pelas práticas de leituras remotas vividas no processo e fora dele.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Ensino Remoto. Contos Africanos.

ABSTRACT

This work aims to present a reading, reflection and writing approach based on African tales, developed in the form of a remote pedagogical intervention, with students from the 5th year of Elementary School at the 03 de Maio Municipal School, in the municipality of Paranatinga-MT. As part of the work carried out in the Professional Master's Program in Letters - PROFLETRAS, offered at the State University of Mato Grosso- Unemat, Cáceres MT unit. It was developed considering the critical theoretical basis, the authors: Michèle Petit, Benjamin Abdala Junior, Tania Macedo, Rita Chaves, Carmen Tindó, Ana Mafalda Leite, Teresa Colomer, Inocência Mata, among others. In this perspective, the central objective of this research is to promote actions that seek the development of reading and writing activities of African tales, for the understanding of literary texts and the improvement of ethnic-racial relations at school and beyond. With the participation of the students, we obtained study rules and different ways of reading, such as drawings, making videos, so that we could find ways of reading that were not focused solely on the practice of textual reading, generally boring for 5th grade students. In addition, with the intention of opening paths for the insertion of other subjects with this project within the school, with the objective of relating the reading of African tales in the classroom, and thus reflecting on the texts that circulate. Finally, as a final product, a video was made about the story: *The day when Mabata- bata exploded*, from the difficulties of understanding about reading the story, during the process. The work highlighted several ways of reading and made possible a consequence of interpretation and reflection at school, making that 5th year show itself responsible for the remote reading practices lived in the process and outside of it.

Keywords: Reading. Writing. Remote Teaching. African Tales.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	23
Figura 2	35
Figura 3	50
Figura 4	51
Figura 5	51
Figura 6	52
Figura 7	52
Figura 8	53
Figura 9	55
Figura 10	57
Figura 11	58
Figura 12	59
Figura 13	62
Figura 14	63
Figura 15	64
Figura 16	64
Figura 17	64
Figura 18	64
Figura 19	65
Figura 20	66
Figura 21	67
Figura 22	68
Figura 23	70
Figura 24	70
Figura 25	71
Figura 26	72
Figura 27	73
Figura 28	74
Figura 29	75
Figura 30	76
Figura 31	78
Figura 32	80
Figura 33	81

LISTA DE SIGLAS

EL – Estudo Literário

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CBA - Ciclo Básico de Aprendizagem

CDCE - Conselho Deliberativo da Comunidade Escola

CEB - Conselho Educacional Brasileiro

C.F.E. - Conselho Federal de Educação

C.N.E. - Conselho Nacional de Educação

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

OC - Orientações Curriculares

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP - Projeto Político Pedagógico

SEDUC - Secretaria de Estado de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. ESCOLA MUNICIPAL 03 DE MAIO	23
1.1 A Escola Municipal 03 de Maio, história de leitura	23
1.2 Quinto ano, uma escolha difícil	25
1.3 Projeto Político Pedagógico - PPP	27
2. CONTOS AFRICANOS: UM CAMINHO PARA A LEITURA E ESCRITA NO QUINTO ANO	31
2.1 A intervenção remota: trajetória, objetivos e justificativa.....	34
2.2 A lei 10.639/03 e suas proporções	37
2.3 A preocupação com a oralidade.....	38
3. PROPOSTA DE LEITURA DE CONTOS AFRICANOS EM TEMPOS DE PANDEMIA E ENSINO REMOTO.	45
3.1 Experiências de um percurso de leitura.....	48
3.1 Cronograma do desenvolvimento da intervenção.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICES	95
ANEXOS	103

INTRODUÇÃO

A preocupação sobre a falta de prática de leitura e escrita no Ensino Fundamental I é que motiva a proposição dessa intervenção. Desde meu ingresso no magistério em 1992, sempre me inquietei sobre a ausência de um trabalho efetivo com a formação do leitor do texto literário, entendendo a leitura como lugar de descobertas, conhecimentos e ampliação da visão de mundo, como parte da vida e não como algo forçado pelo sistema educacional.

Enquanto educadores, estamos muito presos aos acontecimentos de sala de aula e esquecemos a nossa formação, em nível de pós-graduação, por falta de tempo, tarefas acumuladas, correção de provas, reuniões, formação continuada na escola, conselhos de classe, diários, relatórios, dificuldade em se ausentar da escola. Enfim, tudo isso nos distancia da pesquisa, do meio acadêmico, de participação e produções em eventos. Com isso, nossa formação se restringe na graduação, formação continuada, cursos a distância e não desenvolvemos a pesquisa, o que contribuiria para a mudança da nossa prática em sala de aula.

A inquietude maior em sala de aula é envolver os alunos, especialmente do Ensino Fundamental I, visto que sua aprendizagem é um grande desafio, pois temos diversos fatores que dificultam esse envolvimento: pouca ou nenhuma participação da família na escola, famílias desestruturadas, falta de interesse pelos estudos. Somado a isso a falsa convicção, por parte dos alunos, de que não precisam estudar, pois no ciclo não reprova.

O começo da adolescência (dez ou onze anos de idade), marca a transição de saída da infância e apresenta mudanças no desenvolvimento não só em aspectos físicos, mas também cognitivos, psicológicos e sociais nos alunos, que nessa etapa escolar, tendem a demonstrar um comportamento mais agitado, se dispersam facilmente. Nessa fase há mais interesse nas mudanças físicas dos colegas e também começam a questionar as tarefas propostas pelos professores, o que impacta na avaliação do rendimento escolar, pois não entendem a importância do aprender e falta-lhes motivação.

Com a intervenção percebe-se uma mudança positiva na tentativa de preparar os alunos para enfrentar a transição que envolve o aumento de conteúdos, as mudanças na rotina e o aumento do número de professores. Espera-se uma preocupação maior deles, do corpo docente e da coordenação pedagógica, a fim de minimizar tais dificuldades e aumentar a motivação e interesse.

Dentre os cuidados está o de como ensinar/introduzir a leitura literária a alunos falantes desta mesma língua que a veem como algo desnecessário. Como prender a atenção, com tantas distrações à sua volta? Como fazer com que sintam prazer em ler uma vez que já dominam a

língua no seu uso cotidiano?

Como fazer para mudar essa realidade e ensinar, não apenas decodificar o código alfabético, pois isso é pouco para esse contexto em que vivemos. Alfabetizar se tornou apenas uma parte do processo educacional. O objetivo é formar sujeitos letrados, um termo relativamente novo, mas que explica a necessidade de formar cidadãos capazes de usar a leitura e a escrita no seu dia a dia.

A formação do professor/mediador se faz necessária para que não apenas reproduza a forma como foi ensinado. Esse deve saber como trabalhar, para desenvolver habilidades também em seus alunos. Isso significa assumir que é necessário saber como se dá o domínio do contexto de sala de aula que é imprescindível para a formação escolar.

As escolas têm um contexto amplo, e os professores devem sair preparados para atuar nesse contexto, logo sendo função da formação ter fornecido o que é necessário para essa atuação. O trabalho com a leitura não pode ser realizado de forma mecânica, onde os alunos não sejam sujeitos ativos e ainda se desinteresse, não participando da realização das aulas.

Este trabalho, que envolve conteúdos da cultura africana, possibilita, além, da instigação a leitura, reflexões sobre as relações étnico-raciais, tendo em vista o enfrentamento de preconceitos e discriminações presentes no ambiente escolar e na sociedade.

Com a implementação do projeto “ Contos Africanos: Um caminho para a leitura e escrita no quinto ano”, oportunizamos uma formação de leitores capazes de compreender que os contos apresentam problemas e situações humanas de variadas etnias que formam o continente africano e mostram a diversidade cultural e tradições de seus povos.

A necessidade de desenvolver o projeto se deu depois de se observar, em sala de aula, situações de desvalorização da cultura negra e desrespeito aos afrodescendentes, pois no espaço escolar ocorrem brincadeiras carregadas de preconceito e indiferença, essa indiferença atrapalha os alunos de estreitarem laços e poder aprender mais com o outro, rompendo assim, todo tipo de interação.

Assim, a partir dessas concepções e experiências como professora é que nos propusemos desenvolver este trabalho com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal 03 de Maio, no município de paranatinga-MT, onde os alunos terão um olhar mais amplo em relação as diferentes formas de se vestir, as diferentes formas de culto e religiões, as diferentes tradições, respeitando o outro como ser único e digno de admiração por seus méritos e não por sua cor ou raça.

Quando elaboramos este projeto de intervenção, o qual passou pela Banca de Qualificação em 22 de fevereiro de 2020, não imaginávamos em hipótese alguma, mesmo

vendo que a China passava por dificuldades por causa do COVID19, que o Brasil também estava na fila e que muitas coisas teriam que ser mudadas. Foi então a hora de suspender as aulas, começar a usar álcool em gel, máscaras e principalmente, aprender a lavar as mãos direito, pois aquilo que ensinávamos as crianças a fazer no passado, agora fazia parte do nosso aprender do dia a dia.

Este trabalho, talvez tenha tido um resultado literalmente reflexivo, pois tínhamos acabado de passar pela Banca de Qualificação quando nos deparamos com a pandemia da COVID-19, Segundo a Organização Mundial de Saúde: (<https://www.paho.org/pt/covid19>), isto é uma doença respiratória aguda causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). A doença foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, em 1 de dezembro de 2019, mas o primeiro caso foi reportado em 31 de dezembro do mesmo ano. Acredita-se que o vírus tenha uma origem zoonótica, porque os primeiros casos confirmados tinham principalmente ligações ao Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Huanan, que também vendia animais vivos. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou o surto uma pandemia. Até 29 de julho de 2020, pelo menos 16 660 138 casos da doença foram confirmados em pelo menos 188 países e territórios, com cerca de 658 813 fatalidades reportadas e 9 699 116 pessoas curadas.

Portanto, várias medidas foram tomadas, entre elas as medidas não farmacológicas incluem medidas de proteção pessoal, medidas ambientais, medidas de distanciamento social e medidas relacionadas com as viagens. Medidas tomadas por indivíduos, instituições, comunidades, governos locais ou nacionais, ou organismos internacionais para reduzir a propagação da COVID-19.

O distanciamento social aplicado a entornos sociais específicos, ou à sociedade em sua totalidade, para reduzir o risco de adquirir ou difundir a COVID-19, isolamento de pessoas, separação de pessoas doentes ou contaminadas de outras, quarentena de pessoas e restrição de atividades de modo a prevenir a possível propagação da infecção ou contaminação.

Tais medidas impactaram na vida da população em diversos setores, inclusive na educação. Escolas, universidades e creches suspendem as atividades atingindo mais de 50 milhões de estudantes e educadores no país.

Autoridades de saúde confirmavam, por meio de múltiplos estudos, a eficácia da suspensão das atividades escolares como ação indispensável para diminuir a velocidade da transmissão do vírus. Por terem imunidade maior, as crianças poderiam estar com o vírus, mas assintomáticas, e, com isso, contaminarem em maior número os colegas na escola e os familiares em casa, inclusive as pessoas mais idosas.

As notícias, que vinham de outros países, indicavam a imprecisão do período pelo qual as escolas permaneceriam fechadas. Diante dessa incerteza, algumas alternativas foram propostas para garantir o direito constitucional de acesso à educação. Então, no dia 01 de abril, publicou-se uma Medida Provisória, que desobriga os 200 dias letivos obrigatórios para escolas e universidades, mas pede o cumprimento da carga horária mínima anual de 800 horas na Educação Básica. O ensino a distância, utilizando plataformas digitais na internet, apresentava-se como a alternativa mais plausível no atual contexto.

O Conselho Nacional de Educação e os conselhos estaduais emitiram notas nas quais regulamentavam o ensino a distância nessa situação emergencial e adotavam providências que minimizassem as perdas dos alunos com a suspensão de atividades. Em meio a tantas dificuldades, surgem sinais de esperança como iniciativas voluntárias de pessoas que contam histórias para crianças, oferecem aulas pelas redes sociais, partilham textos, entre outros. Esse tempo de isolamento também oferece às famílias a oportunidade de resgatar seu papel educativo oferecendo às crianças e aos jovens tempo de estudo em conjunto, de partilha de histórias e cultivo da fraternidade. Em tempos de pandemia e com as restrições para evitar a proliferação do vírus, a educação também carece de muita atenção para que se consiga vencer o distanciamento físico e criar novos caminhos para o processo de ensino-aprendizagem.

Sendo estas as medidas que deveríamos tomar, nos demos conta de que a educação passaria por mudanças, pois as aulas presenciais foram suspensas no final do mês de março e deveríamos renovar. Mas para isso, os professores e seus alunos experimentaríamos coisas novas. Novos métodos, novas tecnologias a cada aula que é uma unidade muito pequena diante de todo o currículo. Se algum experimento durante a aula, ou mesmo que em uma aula inteira não desse certo, não teria importância. Este pequeno momento não comprometeria todo o processo de ensino. Portanto, os recursos usados no processo ensino aprendizagem, com o propósito de tornar mais eficaz a transmissão da mensagem pelo professor e mais eficiente a aprendizagem pelo aluno, teria que ser um elo entre o que o professor fala e a realidade que deseja transmitir, ou seja, substituir do melhor modo possível a realidade vivida.

Tudo aquilo que se usa para tornar mais eficaz uma transmissão de conhecimentos, pode-se considerar uma tecnologia comunicacional, desde a simples linguagem até os mais sofisticados equipamentos e/ou ferramentas. Então, todos os recursos utilizados pelo professor no seu processo de ensino são considerados. Como diz Libâneo (1991, p. 173): “os professores precisam dominar, com segurança, esses meios auxiliares de ensino, conhecendo e aprendendo a utilizá-los. O momento didático mais adequado de utilizá-los vai depender do trabalho docente prático, no qual se adquirirá o efeito traquejo na manipulação do material didático”.

Sem pensar que em um futuro bem próximo, estaríamos trabalhando em aulas remotas, começamos a assistir defesas via skype. Em uma delas sobre Fanzines, a mestranda Juliane disse que em muitos momentos de sua intervenção, (ainda presencial) usou o celular com os alunos. Somente imaginariamos isso, na falta do laboratório de informática e não por causa de uma Pandemia.

Em uma palestra com o professor Valdir Silva, sobre Pandemia, nos colocava o quão difícil estava sendo enfrentar as mudanças encontradas na escola, e que somente aprenderíamos a lidar, quando estivéssemos vivenciando, pois a pandemia, não vinha com manual de instruções.

Enquanto professora e mestranda, eu procurava entender o porquê, não lutamos antes pelas bibliotecas e laboratórios de informática que agora eram de extrema necessidade, para os alunos e para os professores, porém em muitas escolas, inclusive na que eu desenvolveria o meu projeto de intervenção, havia se transformado em salas para outros fins.

Quando era proposto trabalhar com a interdisciplinaridade, muitos de nós professores, não aceitávamos, no máximo português e literatura, porém agora, sugestões de trabalharmos juntos, para não perdermos o ano letivo, eram partilhadas em grande número nas redes sociais.

Diante de tantas dificuldades encontradas, este projeto seguiu com os objetivos de produzir e oferecer aos alunos do 5º ano da Escola 03 de Maio, por meio dos contos africanos a passagem de um leitor em processo para a condição de leitor crítico, analítico e reflexivo.

Quanto à minha formação, concluí o Ensino Médio em 1998. No mesmo ano ingressei no Curso do Magistério (Claretiano), em 2000 ingresso no curso de Serviço Social pela UFMT, o qual não conclui, em 2002 ingresso no curso de Letras pela UNIP-Universidade Paulista de Sorocaba-SP, concluindo em 2004. Fiz uma especialização em Interdisciplinaridade Educacional pelo IMP- Cuiabá, concluindo-a em 2005. Em 2009 ingresso no curso de Pedagogia pela FAEL- Faculdade Educacional da Lapa, concluindo em 2012.

Minha experiência com a docência começou em 1992. Ainda sem formação, iniciei minha carreira como auxiliar em uma sala de maternal na Escola Particular Comecinho de Vida em Paranatinga MT. De 1992 a 2000, lecionei como professora substituta ou através de contratos temporários.

Em 2005, já graduada em Letras, retorno a Paranatinga e volto para a sala de aula na rede estadual, como professora interina e contratada na rede particular. Com a posse em 2008 no concurso público municipal que realizei em 2007, assumo como professora de Língua Inglesa todas as salas de aula do município no período vespertino. Após dois anos a Secretaria Municipal de Educação transferiu os professores de Língua Inglesa para o cargo unidocente.

Após essa mudança e enfrentando todas as disciplinas exigidas para uma turma, me defronto com tamanha carência em leitura, principalmente a leitura literária.

Em 2009 realizo o Concurso Estadual em Língua Inglesa, o qual tomo posse em janeiro de 2014, na EE Apolônio Bouret de Melo, em Paranatinga a qual, após implantação da Escola Plena em 2017, alguns professores tiveram que ser transferidos para outras escolas estaduais do município, entre eles estava eu. Em 2018 assumo as aulas de inglês e português na Escola Estadual Osvaldo Cândido Pereira a qual estou até hoje. Nesses onze anos efetiva no município, cinco anos efetiva no estado e 6 anos na rede particular, assumi aulas de Língua Inglesa e Língua Portuguesa nas salas de Alfabetização, no Ensino Fundamental I, no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, atuei na Coordenação Pedagógica da rede particular e na Direção da Escola Municipal 03 de Maio, no biênio 2011/1012, participei do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar (CDCE). Tenho convicção que a minha experiência além da sala de aula contribuiu para que eu conhecesse o funcionamento da escola, inclusive da sala de aula, vista de outra forma.

Durante este percurso, pude encontrar profissionais da escola que muito contribuíram com minha formação, com sugestões, com conselhos e inclusive críticas, pois ouvir o que o outro percebe da nossa atuação é muito importante para identificarmos falhas, e mudarmos a nossa postura e prática pedagógica.

É muito gratificante recordar meu primeiro contato com a leitura, especialmente do texto literário, já que boa parte de minhas lembranças de leitura está relacionada a momentos de minha vida de infância, a qual não fui poupada de muita carência, não somente financeira, mas de estudo, livros e leituras. Ou seja, sempre lutei, desde os 6 primeiros anos de vida, para que meus pais não me tirassem da escola, pois, como sabemos, na década de 70, o ensino não era obrigatório, então a cada mudança de endereço eu e meus irmãos abandonávamos a escola. Vejo-me, fora da escola, dos 9 aos 11 anos de idade, depois de mudar do Rio Grande do Sul para Mato Grosso, com somente um rádio como ferramenta de informação, o qual minha mãe nos colocava todos os dias para ouvir as histórias do programa Encontro com Tia Leninha. Eu conseguia imaginar, através das histórias que ouvia, tudo o que um dia viveria. Talvez fosse ali, o início da vontade de ser professora, de ensinar a ter gosto pela leitura literária.

Aos 11 anos de idade, depois de voltarmos a morar em uma pequena cidade de Mato Grosso, Paranatinga, onde volto a estudar na 1ª série, pois meus pais, não tinham a transferência da última escola. Através do olhar maternal de uma professora (Shirlei de Almeida Marques), fiz uma prova e fui promovida para a 2ª série. Foram muitas as dificuldades que tive, porém, jamais deixei os obstáculos em frequentar a escola, afetarem o entusiasmo e a grande vontade

de estudar.

Lembrar meu primeiro contato com a leitura, especialmente do texto literário, é uma atividade gratificante, já que boa parte de minhas lembranças estão atreladas a leituras marcantes. O primeiro contato com a leitura de histórias, foi através de um gibi, que ganhei de presente do patrão do meu pai, um Senhor que já alcançava os 80 anos. Todas as vezes que vinha ao Mato Grosso, trazia de presente livros ou gibis. Um desses gibis fez-me apaixonar pela literatura, pois havia nele várias histórias como: Cinderela, Branca de Neve, Os Aristogatas, entre tantas outras que eu lia e relia. Esse foi o primeiro contato com a leitura de histórias, que me recordo.

Este projeto, se deu a partir dos objetivos de promover ações que busquem o desenvolvimento de atividades de leitura e escrita de contos africanos, para a compreensão de textos literário e dos contos africanos, contribuindo para o aprimoramento das relações étnico-raciais na escola e fora dela.

Pretendemos, com essas atividades escolher a melhor forma de trabalhar e propiciar excelentes oportunidades para elevar o rendimento escolar dos educandos, elevando também o auto conceito destes, motivando-os e tornando a aprendizagem mais agradável e produtiva. Portanto Podemos:

- Possibilitar aos alunos do 5º. Ano do ensino fundamental, da Escola Municipal 03 de Maio, por ensino remoto (online), as capacidades linguísticas de ler, escrever textos, por meio de narrativas literárias, de forma reflexiva, tendo como tema gerador o conto africano, a fim de que eles alcancem a compreensão da língua como interação social.
- Fazer circular, textos que promovam mudanças de atividades e valorização de contos e de culturas africanas.
- Transformar e valorizar, mediante a leitura e escrita de contos africanos, saberes e conhecimentos das culturas africanas junto aos alunos.
- Disponibilizar textos de leitura literária que contribuam para a ampliação de horizontes culturais e humanísticos aos leitores.
- Propor atividades de leitura que oportunizem aos alunos maior conhecimento sobre valores e saberes das culturas africanas, bem como sua apreciação e fruição, por meio da leitura e escrita a partir dos contos africanos.
- Oportunizar exercícios de implementação da leitura de contos como fonte de formação, informação e acesso às literaturas africanas.

- Buscar atividades que incentivem os alunos a procurarem outras obras relacionadas com as culturas afro-brasileira, após o contato com contos africanos trabalhados em sala de aula.

Para trabalhar com todos esses desafios, temos as avaliações internas e externas que reforçam que os nossos alunos precisam dominar a leitura, pois nessas avaliações, leitura e interpretação são primordiais. Das avaliações externas podemos citar a Prova Brasil, no 5º ano, que tem por objetivo avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional com o resultado dessa avaliação, nós educadores, devemos “redirecionar trajetórias e planejar ações educativas significativas tendo em vista a melhoria das práticas escolares”. Sob todos esses desafios surge esse projeto, pois, por mais que tentemos mostrar aos alunos a importância dos estudos e tudo o que podem aprender por meio da leitura, muitos, nesta fase, não percebem sozinhos.

Vejo no Mestrado Profissional em Letras a oportunidade de estudar as teorias literárias, que consistem no estudo e sistematização da Literatura como área do conhecimento, bem como os modos de análise deste campo. Assim como a Literatura Comparada, que é o ramo da Literatura que relaciona a obra de um escritor, com suas particularidades culturais, sociais e históricas, com a de outros escritores e áreas do saber e das artes, como a Filosofia, a Psicologia, o Cinema, o Teatro, etc.

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades.

No contexto da BNCC, a leitura é tomada em sentido mais amplo, dizendo a respeito não somente do texto escrito, mas também das imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais.

O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist

comentada de músicas, blog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação.

Competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental (Base Nacional Comum Curricular).

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e

produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais. Portanto este projeto adota o seguinte percurso metodológico:

- Reflexão sobre as leituras em sala de aula e fora dela.

Para que isso aconteça, o professor precisa reservar um tempo somente para a leitura, no qual os alunos possam debater e discutir sobre os temas lidos, desenvolvendo no educando a capacidade de compreender e analisar os textos, buscando informações implícitas para a solução de problemas.

- Apresentação das obras literárias africanas.

A partir desse percurso, a inclusão de obras literárias africanas nas sala de aula, pode e deve se dar de modo mais fluido, pois é de principal influência no desenvolvimento deste hábito no aluno, que pelo incentivo do professor transforma-o.

- Leitura e escrita no decorrer do 5º ano.

Esta Dissertação de Mestrado Profissional está dividida em três capítulos. *O primeiro capítulo*, intitulado de Escola Municipal 03 de maio: Percurso histórico, aborda uma visão geral da concepção de leitura e sua importância, foi feita uma abordagem de como foi realizada remotamente intervenção, série escolhida para o desenvolvimento da proposta, uma discussão sobre o valor da literatura, a relação do tema com os documentos oficiais em funcionamento na escola, entre outros o campo de conhecimento e de construção de subjetividades como interação a linguagem.

O segundo capítulo, Contos africanos: Um caminho para a leitura e escrita no quinto ano, discorre a respeito do lugar dessa literatura no espaço escolar, condição necessária para que haja uma educação a respeito desse tema, foi tratado sobre a apropriação da teoria ancorada nos estudos do conto como gênero literário, estudo da narrativa, tempo espaço, linguagem (oralidade), personagens e narradores, localizando o sujeito na educação básica. Para isso tomarei discussões realizadas pelo círculo de Antonio Candido, entre outros.

O terceiro capítulo, Proposta de leitura de contos africanos/ tempos de pandemia e ensino remoto, apresenta a descrição, a análise e discussão dos dados coletados por meio da aplicação da intervenção remota, bem como o convite à reflexão sistemática sobre a prática, feita análise do processo de aprendizagem dos alunos, apresentou-se a sequência metodológica que foi elaborada e aplicada nas aulas de português da turma do 5º ano, da Escola Municipal 03 de Maio.

O processo levou em consideração a escolha do conto que traz a realidade dessa turma, como a discriminação e preconceitos raciais existentes em sala de aula. Enfim, o trabalho com a literatura, sobretudo com a literatura afro-brasileira, através do conto: “O dia em que explodiu

Mabata-bata”- Mia Couto, foi uma necessidade e um momento singular de formação, que poderá possibilitar uma prática pedagógica capaz de sensibilizar ou mesmo, estimular a reflexão sobre as relações étnico raciais dentro e fora da escola de nível fundamental.

A proposta desta intervenção é verificar os métodos utilizados pelos professores para incentivar a uma leitura prazerosa aos alunos do quinto ano do ensino fundamental e como este procedimento faz a diferença. Para tanto, faz-se necessário verificar os métodos utilizados pelos professores, quanto ao incentivo à leitura, identificar como a leitura pode contribuir para a sociabilização, analisar tanto os recursos que possam contribuir para leituras prazerosas quanto as formas de leitura, para a produção de textos. A intenção foi de fazer com que os alunos refletissem através dos contos, situações reais de suas vidas e das pessoas que as cercam.

Ainda sobre os resultados positivos e/ou negativos, abordaremos nas considerações finais. Também falaremos como se deu a experiência e aproveitamentos a que chegamos, através da intervenção remota.

1. ESCOLA MUNICIPAL 03 DE MAIO

1.1 A Escola Municipal 03 de Maio, história de leitura

Figura 1- Escola Municipal 03 de Maio



A escola Municipal 03 de Maio, local onde trabalho há onze anos, está localizada na cidade de Paranatinga, sudeste do estado de Mato Grosso, distante 375 Km de Cuiabá, capital do estado.

Foi criada pelo Decreto nº 011/1987, pelo prefeito José Barbosa de Moura, que era uma pessoa de espírito altruísta, sempre preocupado com a melhoria de vida dos munícipes. Diante disso percebeu que o bairro Bica D'água (nome dado pelo fato de existir uma Bica que corre dia e noite) necessitava de uma escola, por ali existir uma grande população e um número elevado de crianças.

Diante dessa realidade, a distância até a área central e a necessidade de garantir a educação das crianças, criou-se a Escola Municipal 3 de Maio, cujo nome faz jus à data de aniversário do referido Prefeito, patrono da escola (in memoriam) que fez doação do terreno para a edificação do prédio. Atende alunos de todas as classes sociais que residem no bairro Bica D'Água, bairros e chácaras próximas. Recebe alunos de outras escolas municipais. Funciona nos períodos diurno e noturno e oferta desde a Educação Infantil até Ensino Fundamental I, a Educação de Jovens e Adultos (1º Segmento/Fundamental).

A escola possui atualmente 286 alunos regularmente matriculados e distribuídos nos seguintes segmentos: Educação Infantil: Pré I- 01 turmas com 29 alunos total, Pré II – 01 turmas com 28 alunos total, Ensino Fundamental de 09 Anos: 1º ano ao 5º ano - 7 turmas com 157 alunos no total, EJA Educação de Jovens e Adultos, 01 turma multiseriada 1º e 2º ano com 36

alunos noturno. Matutino: Ensino Fundamental de 9 anos :2º ao 5º ano- 04 turmas, Educação Infantil: Pré II – 1 turma Vespertino: Educação Infantil – Pré II- 01 turma. Pré I – 1 turma, Ensino Fundamental de 09 anos: 1º ao 3º ano 03 turmas com 111 no total.

A escola tem Laboratório de Informática, Laboratório de Aprendizagem, biblioteca, quadra poliesportiva coberta, refeitório, e cinco salas de aula climatizadas. Fisicamente a escola conta com infraestrutura adequada, porém os computadores oferecidos no laboratório de informática não acompanharam o rápido avanço da tecnologia. A internet muitas vezes está indisponível para ser fonte de pesquisa para alunos e professores. Oferecer e garantir ao aluno amplas possibilidades de ter um ensino de qualidade durante seu período escolar, evita, inclusive, a evasão escolar.

O 1º CDCE - Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar - da E.M. 03 de Maio foi formado em 04 de Maio de 1999. De 1987 até o ano de 2007 a escola foi dirigida pela Secretaria Municipal de Educação e sua equipe pedagógica, no ano de 2008, o Prefeito em exercício nomeou pela Portaria 23/2008 a professora Deusa Francisca da Silva como diretora provisória. Em outubro do mesmo ano foi aprovada a Lei 511/08, que regulamenta os dispositivos do art. 14 da Lei Federal nº 9.394/96, bem como o inciso VI do art. 206 da Constituição Federal e art. 59, parágrafo único da Lei Municipal nº 002/2000, que estabelecem a Gestão Democrática do Ensino Público do município de Paranatinga, adotando o sistema eletivo para escolha dos dirigentes dos estabelecimentos de ensino e a criação do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar nas Unidades de Ensino. Em seguida, fazendo cumprir a referida Lei faz-se seus pares a cada início de ano letivo. Após implantada a direção da escola, sob a portaria 23/08, tendo como diretora nomeada provisoriamente pelo chefe executivo a professora Deusa Francisca da Silva, a partir da aprovação da Lei 511/08 a direção da escola passou a ser eleita através do voto da comunidade escolar desde 2008 onde a professora Deusa deu continuidade na gestão por mais dois anos 2009/2010 e para o biênio 2011/2012 a professora Silvia Maria da Silveira, eleita a Direção. Para o biênio 2013/2014 e biênio 2015/2016 eleita a professora Joana Darc da Silva Borges. Para o biênio 2017/2018, eleita a professora Leila Minatto e reeleita para o biênio 2019/2020.

As competências dos profissionais da Educação que atuam na Escola estão na Lei 511, de 26 de novembro de 2008, que estabelece a Gestão Democrática do Ensino Público do Município de Paranatinga, na Lei Nº 533 de 16 de dezembro de 2008 e no Regimento da Escola Municipal 03 de Maio.

A Gestão Escolar é composta pelo Diretor, Coordenador e secretário escolar. O corpo docente é constituído pelos professores em exercício na unidade escolar. Professores e equipe

pedagógica devem estar dispostos a desenvolver um trabalho pedagógico mais produtivo. Compreendo a importância e a necessidade da adequação dos conteúdos programáticos, desenvolvendo um trabalho em conjunto, favorecendo a interação nas diversas áreas de ensino. Colaborando no sentido de proporcionar uma escola democrática, aberta, transparente, onde os alunos se sintam felizes, motivados e valorizados. Utilizando métodos de ensino, que visem o desenvolvimento do raciocínio lógico, partindo da ação para compreensão. Utilizando o livro didático como fonte de informação e não como fim, visando sempre à abertura de novos horizontes para nossos alunos. Buscando subsídios numa ação conjunta, sempre centrada no bem estar e no desenvolvimento dos alunos, para que a aprendizagem se solidifique proporcionando mecanismos entre o saber ecológico e o meio em que vive, oferecendo educação para todos, independentemente de sua habilidade específica. Desenvolvendo propostas que visem o conhecimento das diversidades cultural e afrodescendentes.

O corpo discente é constituído de todos os alunos regularmente matriculados na unidade escolar, sendo o centro e a razão de todas as ações educativas. Com o desenvolvimento desse projeto, alcançarão os objetivos da aprendizagem, para interferir positivamente no meio em que vivem sendo mais atuantes, críticos e participativos, tendo compromisso com os princípios da justiça da equidade e a busca da excelência, em conformidade com o espírito e a igualdade de oportunidades. Atendendo a legislação, as ações educativas primarão pelo combate de qualquer tipo de atitude discriminatória.

A Escola 03 de Maio concebe os alunos, como alguém que já traz para a escola conhecimentos construídos da sociedade, e é a partir dessas experiências que o professor deve iniciar suas atividades e desenvolver as habilidades cognitivas. A escola precisa ser um espaço de interação, de transformação para desenvolver o potencial, aberta ao diálogo, onde a intervenção pedagógica intencional desencadeia o processo ensino- aprendizagem. Lugar em que o potencial seja desenvolvido com um currículo aberto que permita o enriquecimento do conhecimento.

1.2 Quinto ano, uma escolha difícil

O 5º ano do Ensino Fundamental marca a vida de estudos dos alunos, pois eles percebem que, a partir desse momento ingressarão no Ensino Fundamental II, portanto para muitos será o momento oportuno de aprimorar os estudos. Os conteúdos revelarão que o 5º ano marca o final de um ciclo do ensino fundamental e demonstra uma preocupação maior dos professores em atender as necessidades dos alunos e levar em conta sua imaturidade emocional para lidar

com certos conteúdos e outras exigências. Primeiro, é preciso salientar que, apesar dos desafios, essa transição não deve ser considerada como um problema para a escola, que precisa ser resolvido a qualquer custo. A transição deve ser encarada como uma oportunidade para ajudar os alunos a compreenderem suas novas responsabilidades e deveres ao avançarem para uma nova fase de suas vidas.

Sabe-se que a educação é um potente mecanismo de transformação na vida do indivíduo e que é também papel da escola promovê-la de forma respeitosa, solidária e igualitária para todos. Diante disso percebeu-se a necessidade de buscar alternativas para estreitar os laços de união entre culturas distintas. Diante das injustiças da sociedade, o Ministério da Educação no passado, intitulou e implementou um conjunto de medidas e ações, tendo como objetivo acabar com as discriminações e promover a inclusão social.

Este projeto é uma preliminar, cujo principal objetivo foi fazer com que, através das leituras de contos africanos, os alunos buscassem informações sobre determinado assunto ou descobrissem um problema para estudo. Portanto a leitura e oralidade serão práticas discursivas importantes no processo de ensino-aprendizagem da língua. A partir dessa consideração, a escola terá clareza sobre qual concepção de ensino de leitura subsidiará o seu trabalho, para que o nível de interpretação de seus alunos, vá além da simples decodificação mecânica dos códigos escritos, que seria a simples preocupação com a aprendizagem da leitura, enquanto processo de aquisição de códigos alfabéticos.

[...] enquanto conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder. (KLEIMAN,1995, p. 11).

Sendo assim o aluno é um sujeito ativo que age e constrói sua aprendizagem e essa é definida como um processo de troca mútua entre o meio e o indivíduo, tendo o outro como mediador. Cabe ao professor instigar o sujeito, desafiando, mobilizando, questionando e utilizando os “erros” de forma construtiva, garantindo assim uma reelaboração das hipóteses levantadas, favorecendo a ampliação do conhecimento. Nesta concepção, o aluno não é apenas alguém que aprende, mas sim o que vivencia os dois processos de ensinar e aprender.

A comparação é um procedimento integrante da estrutura do pensamento humano, o que a torna um hábito generalizado em diferentes áreas do saber, pois a criança se depara com algo que a remete também para a linguagem corrente.

Até o início do século XX, quando a teoria literária se estabeleceu, a literatura não tinha

um tratamento priorizado em relação às outras artes. Todavia, seus estudos remontam à Aristóteles e sua Poética, que analisava as manifestações literárias da época.

O ensino da literatura, por este Projeto de Intervenção, proporcionará essa transposição da teoria para a prática na sala de aula, visando melhorar a nossa formação, atuação e, conseqüentemente, melhorar a qualidade do ensino, sendo esta a finalidade do ProfLetras.

Para se constituir num instrumento que facilitasse a compreensão do que se estava propondo, primeiro fizemos uma pesquisa bibliográfica que serviu de base para abordarmos os pressupostos teóricos que sustentavam as discussões das respostas encontradas.

1.3 Projeto Político Pedagógico - PPP.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) se constitui de um plano global de uma escola e deve ser construído de forma coletiva entre gestão, corpo docente, representatividade dos alunos e dos pais que fazem parte dos conselhos escolares e, se possível, com representantes das lideranças da comunidade local. (OLIVEIRA, 2008. p. 57). Dessa forma ele se torna a identidade institucional da escola e cabe, pois a unidade escolar, com a participação da comunidade, além da formulação, a execução, avaliação e revisão de sua proposta pedagógica sempre que necessário, em consonância com a legislação vigente e as orientações emanadas do órgão central.

De tal modo, ao se pensar na elaboração do PPP de uma escola é imprescindível pensarmos em um debate amplo sobre como organizar as ações pedagógicas da escola para efetivação dos objetivos escolares respaldados na legislação vigente. Os principais pontos a serem discutidos para montagem do mesmo são: Processo ensino-aprendizagem que implica a definição do currículo escolar; as atividades a serem desenvolvidas por cada disciplina e o planejamento da escola em sua totalidade e gestão participativa com a efetiva participação dos professores.

Segundo o PPP (Projeto Político Pedagógico), da Escola Municipal 03 de Maio, na busca da formação dos educandos, intencionando a construção de uma sociedade mais humana e mais justa, tem como política a reconstrução do conhecimento a partir da realidade vivida pelo aluno, originária da experiência, de forma a levá-los a estabelecer relações com a realidade local, despertando-os para aprender as sugestões mais amplas da cultura globalizada.

A Escola Municipal 03 de Maio em todas as modalidades de ensino oferecidas se preocupa em trabalhar os conhecimentos construídos pela humanidade articulados com as experiências de vida do aluno, problematizando temas relacionados a saúde, sexualidade, vida

familiar e social, meio ambiente, trabalho, tecnologia, cultura e linguagens, podendo ser ministrados de forma interdisciplinar.

A avaliação na aprendizagem do aluno desempenha um papel fundamental como regulador das ações. Neste contexto a avaliação é processual: o momento investigativo de diagnóstico é tão importante quanto o momento de aferição de resultados dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos.

Nessa concepção de avaliação escolar, a prática é avaliada através de vários instrumentos sistemáticos como: observação e registros da realidade em caderno de campo, relatórios descritivos individuais, produtos finais de projetos temáticos. Levando em consideração a aprendizagem e ritmo do aluno.

O plano curricular é elaborado pela direção e a coordenação pedagógica, antes do início do ano letivo, consistirá sobre organização didática e o cronograma das atividades globais das unidades escolares. A organização curricular do ensino fundamental de 09 anos feita gradativamente definitivamente implantada na Escola em 2011. Os currículos foram elaborados de acordo com os objetivos dos cursos mantidos e das necessidades da comunidade, respeitando as diferenças das realidades.

Os documentos observados na elaboração do plano curricular foram leis federais, pareceres, resoluções do conselho estadual de educação e instruções da Secretaria de Estado de Educação e também da Secretaria Municipal de Educação. A aprovação do plano curricular fica a cargo da equipe administrativa e pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e da unidade escolar.

Fazendo parte ainda da política, tem como premissa a construção de visão de homem e sociedade pautados na ética, respeito e dignidade, de forma que a comunidade escolar tome consciência da responsabilidade social. O mecanismo de participação coletiva é incentivar a participação de pais, alunos e comunidade no convívio e tomado ao bom andamento da escola como a participação em reuniões e projetos das associações da comunidade criando um clima harmonioso onde escola e comunidade possa trabalhar unida com a finalidade de desenvolver uma disciplina responsável e não autoritária. Propor mudanças através da leitura, uma ferramenta essencial no processo de aprendizagem, é o caminho para ampliação da percepção do mundo, onde a família perceberá as mudanças à sua volta.

Quanto mais um indivíduo lê, mais integrado com o seu meio estará, sendo possível, ampliar os horizontes do conhecimento, por meio da leitura ganhamos autonomia nas sociedades. Um indivíduo destituído da capacidade de ler enfrenta desvantagens enormes em comparação com os que a tem, todavia quando uma pessoa sabe ler bem, não existem fronteiras

para ela. Quem lê e compreende o que lê tem um mundo de possibilidades. —Aparentemente passiva e submissa, a leitura é, em si, inventiva e criativa (CHARTIER, 2007, p.31), porém para que a mesma se estabeleça como objeto de aprendizagem na sala de aula é necessário que a tornemos, efetivamente, um instrumento de prazer e de busca.

O ensino da leitura é objetivo primordial da escola, mas para torna-lo um objeto de aprendizagem é fundamental a sua realização imediata, mantendo sua natureza e complexidade, sem perder suas características. Para que isso ocorra carecemos proporcionar aos alunos o contato com diversos textos, neste projeto, os contos africanos, promovem a compreensão do texto impresso para além da mera decodificação com prazer.

A turma (5º) escolhida para o desenvolvimento das ações do projeto é bem heterogênea. Temos alunos que gostam de ler e são comprometidos, tem a necessidade de tomar pra si a responsabilidade de estudar, de ler, de buscar, com apoio dos professores, meios de desenvolver suas habilidades e competências, como é o caso da proficiência em leitura. Alunos que participam das aulas remotas apenas porque são obrigados pelos pais e eles fazem questão de deixar isso claro quando então conversando online. Alunos que gostam de estudar quando lhes convém, com esses precisamos, o tempo todo, trabalhar tentando conquistar, prender a atenção.

Portanto, no início foi difícil, pois tudo era novo, não sabíamos direito como fazê-los se interessar pela proposta. Primeiro: eles viam aquilo como atividades a mais; Segundo: não tinham o hábito de aprender via internet, essa ferramenta para eles era principalmente para distração, jogos, etc. Interpretar/discutir/escrever/ler/escrever/ler/, para eles era coisa de escola, de sala de aula. Houve uma resistência muito grande por parte de alguns e isso acabava tumultuando as aulas. A resposta era sempre não sei fazer isso. Foram necessárias muitas conversas, debates, para leva-los a perceber que era trabalhoso sim, porém necessário e à medida que eles se envolvessem, as dificuldades do novo iriam diminuir e o prazer da leitura dos textos aconteceria, e eles sentir-se-iam envolvidos. A escola abraçou a causa, a coordenadora e a professora titular, não mediram esforços para que a interação acontecesse. Sempre viram a leitura como prática social, porém, faltava um projeto de intervenção que colocasse necessidade em praticá-la, que deve entrar na escola da mesma forma que existe fora dela. O trabalho com leitura em sala de aula, seja ela remota ou não, se concretiza de fato.

A leitura do texto literário, para ser legítima, não pode abdicar de suas dimensões libertadora e crítica. Nessas, emerge a importância do papel do leitor, pois “é por meio de sua atividade que a criação poética alcança seu fim: a transmissão de um saber”. A possibilidade, aí inscrita, confere “ao processo de leitura uma legitimação de ordem existencial” (ZILBERMAN, 1984, p. 79). Portanto, Antonio Candido (2004) acredita ser possível transpor

o atual estágio de barbárie devido aos avanços da técnica e a mudanças no processo civilizatório. Essas se revelam por posicionamentos no âmbito das crenças e dos valores de coletividades, as quais se manifestam em relação às injustiças sociais e diante das quais as classes dominantes já não podem se mostrar insensíveis. Para Candido (2002, p. 80), a literatura é uma das marcas que compõem o processo civilizatório, porque, tanto no plano da produção quanto no da fruição, ela se baseia “numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia que decerto é coextensiva ao homem”, pois está tão presente em sua vida quanto estão as exigências elementares da alimentação e do sono. Ao interligar a natureza imaginativa e ficcional do homem à arte e a manifestações do cotidiano marcadas pela fantasia, Antonio Candido (2004) defende a tese de que a literatura é um “bem incompressível”, isto é, um bem que não pode ser negado ao ser humano:

[...] são bens incompressíveis não apenas os que asseguram sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. (CANDIDO, 2004, p. 174).

Contrapondo-se a essa compreensão, teóricos da literatura ressaltam a importância da educação da sensibilidade, uma vez que o valor da leitura do texto literário encontra-se na experiência estética que proporciona ao receptor, mobilizando conhecimentos moldados pelo jogo da fantasia.

2. CONTOS AFRICANOS: UM CAMINHO PARA A LEITURA E ESCRITA NO QUINTO ANO

Inscribo este trabalho na perspectiva da Literatura por meio de autores que defendem que a concepção da leitura tem consequências importantíssimas para o processo de ensino e aprendizagem como: Antonio Cândido, Rildo Cosson, Wolfgang Iser, Angela B. Kleiman, Décio Pignatari, Regina Ziberman, Silvana Serrani, Paul Zumthor, Marisa Lajolo, Marcia Abreu, Michele Petit, entre outros.

O foco deste trabalho será a leitura e escrita, a partir do gênero conto, em que os alunos poderão ler, interpretar e produzir textos literários, escrever suas releituras dos contos e/ou desenhar.

O conto é um relato pouco extenso e tem, por isso, uma temporalidade e um número de personagens igualmente restrito, se tivermos por termo de comparação o romance. Estas características fazem do conto um gênero narrativo específico. Em particular, o conto na sua vertente de literatura tradicional de transmissão e expressão oral, centra-se em situações narrativas simples, enraizadas em tradições culturais, que fazem do relato um fator de sedução e aglutinação comunitária. As ações relatadas, cujo interesse é suscitado por fórmulas como: “Era uma vez”, “Há muito, muito tempo”, “ Certo dia”, etc, abrem a porta do interesse pelas situações narrativas que não raro se revestem de uma função lúdica e, por vezes, também moralizante, entre outras funções possíveis. A gênese do relato, e as circunstâncias em que é transmitido, permitem qualificá-lo de diversos modos, e entre estes como “conto popular”, quando o seu conteúdo indicia, pelos contextos culturais que transporta e pela linguagem simples.

As desigualdades educacionais em nosso país imperam, enquanto alguns gozam de uma vida confortável; outros sobrevivem a cada dia. Essa última realidade é enfrentada pela maioria dos educandos da escola pública. muitos são privados de alimentação – subsídio fundamental à vida – o que dizer então dos bens culturais, entre eles, a literatura? E devemos sim considerar que a literatura é um bem cultural essencial à vida humana, logo, entende-se que se trata de um direito, conforme defende Antonio Candido (1995, p. 174-175):

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. [...] se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem

mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.

A literatura deve ser acessível a todas as pessoas, independentemente de classe social ou situação econômica. Porém, embora muitas obras de literatura sejam publicadas em nosso país, se entrarmos em uma livraria, podemos verificar que elas são frequentadas por pessoas de classe média ou ricas, pois os livros são muito caros.

Diante dessa realidade, a escola de certa maneira vem para suprir essa carência, mas boa parte das escolas públicas do Brasil – principalmente as situadas em regiões mais pobres – são extremamente sucateadas, sem bibliotecas principalmente.

Apesar de muitas até possuírem um bom acervo literário, não é difícil haver obstáculos para que essas obras sejam levadas aos educandos e, quando são levadas, às vezes acabam sendo usadas como pretexto para discutir a temática abordada, responder a questões de interpretação textual, estudar a gramática normativa. Esse tratamento dado à literatura na escola diverge do que destaca os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (PCNs) que já traziam essa orientação sobre o caráter pluridimensional da leitura literária antes da BNCC.

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (PCNs/BRASIL, 1998, p. 27).

Vê-se que a literatura, de acordo com os documentos oficiais, não deve ser usada no âmbito escolar como pretexto, mas sim como uma atividade de leitura de si e do mundo que tenha o poder de transformar os educandos, fazê-los perceber o papel humanizador que tem o texto literário.

Se a literatura humaniza o homem e a mulher porque ela tem a capacidade de torná-lo/a mais humano/a, na mais elevada acepção da palavra. Os textos literários oportunizam o despertar de sentimentos. O modelo de escola que temos é centrada na escrita. Logo, a leitura acaba ficando em segundo plano e, quando introduzida na sala de aula, é usada como atividade complementar à escrita. Na sala de aula, parece não haver espaço para a leitura como fruição, muitas vezes a leitura deve ser feita com prioridade em casa e depois, no espaço da sala de aula,

atribuída uma atividade de escrita referente à leitura. Sem falar que a seleção dos textos literários a serem usados no espaço escolar atende a essa problemática. E são vários os problemas que contribuem para isso o uso da literatura de forma escolarizada, a formação insuficiente acerca do letramento literário, os cursos de formação de professores de Língua Portuguesa que não problematizam o trabalho com as literaturas infantil e juvenil. Os docentes apontam a literatura infantil como sendo importante para o processo de ensino aprendizagem dos alunos, dizem que estão utilizando os textos literários em sala de aula por meio de várias atividades que despertam o interesse pela leitura.

Ao escolher trabalhar com o gênero, por conta de ser pouco extenso, e o conto apresentar poucos personagens, enredo e estrutura temporal sintética, chegando a ser, em muitos casos, restrito a uma ou poucas ações. Diante disso, podemos perceber que os alunos preferem, talvez por gostar de ler as histórias que de alguma maneira despertam o prazer com a prática. Isso também faz com que não haja intrigas secundárias, como acontece no romance ou na novela. Também, por outro lado, pode conter uma unidade e um tom uniforme que talvez o romance não consegue ter. Essa estrutura econômica do conto tem a ver com sua origem sociocultural, entre outros fatores. Isso porque ele veio dos causos e contos populares, próprios da tradição oral, que podiam ser contados em auditórios e reuniões privadas por um contador. Leituras curtas que trazem a vida do educando a realidade, também escolhemos o conto africano, como forma de contribuir para a melhoria das relações raciais, educar cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico racial, tendo seus direitos e sua identidade valorizados. Uma forma de combater o racismo e as discriminações a ele associadas é conhecer, reconhecer, valorizar a cultura e história dos povos africanos.

Este projeto valorizará a participação ativa do aluno em sala de aula presencial ou remota, tornando sua aprendizagem de leitura e escrita significativa, pois com esta atividade o aluno terá liberdade de ler e aprender de forma lúdica, sendo assim, certamente sua percepção do ensino da literatura não ficará preso a regras e nomenclaturas.

O gênero conto será uma possibilidade de ensinar a literatura abordando os aspectos de interpretação. Espero que a partir do gênero conto, das situações cotidianas e das questões vivenciadas pelos alunos, eles consigam desenvolver o hábito de ler e também uma nova forma de se expressar pela escrita. Só se aprende a ler, lendo. Gregorin Filho (2009) comenta sobre a importância de os professores levarem os alunos a terem acesso ao material literário. Para que isso ocorra, a escola e o professor de Língua Portuguesa devem propor atividades que acrescentem poder interpretativo a seus alunos:

Trabalhar com literatura infantil em sala de aula é criar condições para que formem leitores de arte, leitores de mundo, leitores plurais. (...) oferecer e discutir literatura em sala de aula é poder formar leitores, é ampliar a competência de ver o mundo e dialogar com a sociedade. (GREGORIN FILHO, 2009, p. 7).

Tendo a escola como o melhor lugar autorizado a ensinar a Literatura em todas as suas possibilidades, o desenvolvimento em sala de aula com o projeto interventivo irá nos possibilitar garantir as competências necessárias em leitura, compreensão e escrita, tão exigidas para que o aluno obtenha êxito nos estudos, preparando-os para trabalhar em equipe.

Outro ponto a considerar é o fato de que um aluno passa em média doze anos na escola de Educação Básica e que, por muitas vezes, o aprendizado é ancorado numa metodologia voltada para o ensino da norma padrão idealizada, ensino que conserva os mesmos conteúdos da tradição, enquanto que o estudo da linguagem numa perspectiva interacionista, real, processual, é abafado mediante a omissão do estudo da Literatura no tocante a seu caráter estético. Dessa forma, o trabalho realizado com a Literatura em sala de aula acaba por privilegiar seu caráter utilitário, reduzindo o contato dos alunos com a experiência, que possibilitaria a compreensão dialógica dos contextos e experiências vivenciadas coletivamente. Desse modo, o aluno necessita cada vez mais ter o domínio da leitura e da escrita, sabendo adequar o gênero à situação comunicativa vivenciada e perceber que por meio da leitura podemos concordar, discordar, protestar, opinar e argumentar.

2.1 A intervenção remota: trajetória, objetivos e justificativa

O projeto foi dividido em etapas, distribuídas em pelo menos 40 aulas, podendo ser remanejadas de acordo com a necessidade. Em todas as etapas o trabalho foi desenvolvido de forma colaborativa, ou seja, em constante interação entre os alunos e professora, com a participação crítica e ativa frente às questões que surgirem. Não é possível aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária. Ler implica troca de sentidos não só entre escritor e leitor, mas também com a sociedade, onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço. (COSSON, 2009, p. 28).

Diante do que foi exposto, esperamos que os alunos adquirissem as competências necessárias para a leitura e escrita a partir dos contos não só para a escola, mas para exercerem seus direitos e deveres na sociedade, que eles percebam que o hábito da leitura é fundamental para isso. Sendo assim surgirão condições de aprender novas possibilidades do prazer da leitura,

não somente como algo imposto.

Ao longo de nossa prática em sala de aula, temos observado o baixo desempenho dos alunos em leitura e escrita, o que é possível perceber devido ao pouco interesse pelas atividades de leitura e, principalmente, pela escrita, pelo baixo rendimento escolar em outras disciplinas e pelas avaliações externas (Prova Brasil).

Figura 2- Dados fornecidos pela escola

Ano	Meta	Valor	Legenda
2008			
2007		4,0	
2006	4,2	4,1	
2011	4,6	4,6	
2013	4,8	4,8	
2015	5,1	5,3	
2017	5,4	-	
2019	5,6	5,4	Abaixo da meta

Durante minha jornada de trabalho na escola e, principalmente na turma do 5º ano, me deparei com sérias dificuldades de leitura e de escrita.

A visão sobre essa turma foi que, a leitura, de certa forma não chamava a atenção, não chegava ao emocional da criança. Em certos momentos era nítido que, contos como Cindelera, Rapunzel entre outros clássicos, não faziam parte do que esses alunos viviam ou vivenciavam no dia a dia de suas vidas. Não que os Clássicos não deveriam ser lidos por eles, mas sim mesclados com leituras que mexessem com o interior de cada um, para assim tomarem gosto pela sensação de fazerem parte da história lida.

A história da África e as culturas africanas, mesmo sendo uma das questões que compõem a cultura brasileira, sempre ocupou uma posição sucinta ou quase imperceptível na área educacional. A sua influência, apesar de ampla, nunca possuiu o valor devido ou foi atribuída a importância correta. Não somos os únicos responsáveis por esses resultados, pois, sentimos maior cobrança em relação a eles. Com a promulgação de leis que obrigam o ensino da História da África e das culturas africanas na sala de aula, a educação brasileira ganhou um novo olhar e uma nova perspectiva. Contudo, dois fatores preponderantes ainda atrapalham o andamento satisfatório deste ensino: as resistências provenientes de preconceitos e a falta de formação específica dos docentes.

É complexo e exige muita desenvoltura dos docentes o ensino das culturas africanas, pois é necessário muita persistência para que ultrapassem as barreiras da resistência dos pais e alunos, do racismo, para assim iniciar um processo que desenvolva trabalhos gradativos, que mudem a visão, a percepção e a ação dos seus alunos perante as temáticas que envolvem tais culturas.

Todos, a par de suas diferentes posições político-ideológicas, são unânimes em concordar que a característica marcante de nossa cultura é a riqueza de sua diversidade, resultado de nosso processo histórico-social e das dimensões continentais de nossa territorialidade. (FERNANDES, 2005, p. 379).

Há necessidade de aprofundamento do estudo que trata da história da África e das culturas africanas e de sua difusão em sala de aula, abrangendo ações pedagógicas que viabilizem realização de um trabalho eficiente e que proporcione aos discentes uma aprendizagem qualitativa. Para trabalhar a diversidade nesse ambiente escolar, o educador deverá buscar as origens, como etnia, modo de falar, descendência e ascendência, discutindo-as por meio de definições e conceitos que esclareçam e fortaleçam as relações humanas e sociais.

Dessa forma busca-se oportunizar aos alunos situações de práticas de leitura e escrita estimulando-os a produzirem textos e assim desenvolverem-se intelectual e socialmente. O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil sempre foi lembrado nas aulas de História com o tema da escravidão negra africana. Aqui, pretendemos esboçar uma reflexão acerca da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Conforme a lei em questão, a disciplina de Língua Portuguesa é uma das privilegiadas para o estudo dessa temática.

A primeira reflexão que devemos fazer é sobre a palavra escravo, que foi sempre atribuída a pessoas em determinadas condições de trabalho. Portanto, a palavra escravo não existiria sem o significado do que é o trabalho e das condições para o trabalho. Quando nos referimos, em sala de aula, ao escravo africano, nos equivocamos, pois ninguém é escravo – as pessoas foram e são escravizadas. O termo escravo, além de naturalizar essa condição às pessoas, ou seja, trazer a ideia de que ser escravo é uma condição inerente aos seres humanos, também possui um significado preconceituoso e pejorativo, que foi sendo construído durante a história da humanidade. Além disso, nessa mesma visão, o negro africano aparece na condição de escravo submisso e passivo.

Os africanos, que aportaram em nosso território na condição de escravos, vistos como mercadoria e objeto nas mãos de seus proprietários. Nega-se ao negro a participação na construção da história e da cultura brasileiras, embora tenha sido ele a mão-de-obra predominante na produção da riqueza nacional, trabalhando na cultura canavieira, na extração aurífera, no desenvolvimento da pecuária e no cultivo do café, em diferentes momentos de nosso processo histórico.

2.2 A lei 10.639/03 e suas proporções

A Lei 10.639/03, alterada para a 11.645/2008, propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Por exemplo, os professores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas.

Inocência Mata (2001, p. 63), afirma, com relação à literatura angolana, que a construção literária da nação se fez particularmente através da poesia, que assumiu a “coletivização da voz”. Esse aspecto está presente, sobretudo, na produção poética do pré independência, que cantou a construção de uma África livre e exibiu ao mundo as mazelas da opressão colonialista. Essa vertente, muito forte na poesia, não esteve no entanto, afastada da ficção, que, ainda no século XIX, com escritores como Antônio de Assis Júnior e Castro Soromenho, procurou delinear os contornos da terra angolana. As contribuições da cultura de origem africana para a construção da personalidade brasileira são inegáveis. Elas estão em toda parte como forma de reconhecimento e valorização da importância das culturas africanas na nossa constituição identitária, autores brasileiros e estrangeiros que trabalham com o tema: Benjamin Abdala Junior, Tania Macêdo, Rita Chaves, Carmen Tindó, Ana Mafalda Leite, Inocência Mata entre outros, que afirmam ser possível, apropriarmos-nos desse estudo e ressignificá-lo, inserindo nas condições de produção das literaturas, dando discursividade não uma simples transposição, mas sim uma consistente funcionalidade aos conteúdos, suportados pela História que lhes é comum.

Com a Lei 10.639/03 também foi instituído o dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro), em homenagem ao dia da morte do líder quilombola negro Zumbi dos Palmares. O dia da consciência negra é marcado pela luta contra o preconceito racial no Brasil. Sendo assim, como trabalhar com essa temática em sala de aula? Os livros didáticos já estão quase todos

adaptados com o conteúdo da Lei 10.639/03, que os professores utilizam em sala de aula.

Por todos esses aspectos, o Projeto de Intervenção é um grande desafio, pois traz novas abordagens, na qual professor e aluno terão participação ativa durante o desenvolvimento da proposta, tornando-os mais próximos. Nesse sentido, ambos aprendem e ensinam, numa constante interação.

2.3 A preocupação com a oralidade

A oralidade é uma ferramenta linguística de substancial importância tanto no âmbito escolar quanto nas práticas do dia a dia. Em face disso, trabalhar com essa competência linguística é essencial para a escolarização do Português. Contudo, a abordagem desse conteúdo requer estratégias diferenciadas de sistematização, conscientização e reflexão. Apesar de não ser fácil trabalhar com textos que lançam mão desta ferramenta é de fundamental importância trabalhar-lá em sala de aula, buscando formas de complementar o ensino da leitura e da escrita, fazendo com que ambas façam parte da vida escolar. Nos contos citados ao longo da dissertação, a oralidade é paradigma diferenciador importante, uma dominante e não uma exclusividade do campo cultural africano.

Na BNCC, as habilidades estão agrupadas em quatro diferentes práticas de linguagem: Leitura, Produção de Textos, Oralidade e Análise Linguística/Semiótica. A diferença central refere-se à inserção da análise semiótica. Essa área se refere ao estudo de textos em múltiplas linguagens, incluindo as digitais: como os memes, os gifs, as produções de youtubers etc. Os campos de atuação são as áreas de uso da linguagem, na vida cotidiana. Por exemplo: no campo de atuação artístico-literário, temos o uso da língua voltado à produção e à leitura de contos, romances, peças de teatro, poemas. Nesse caso, trata-se de gêneros textuais e usos da linguagem com predominância da atuação artístico-literária.

Ao iniciar o trabalho de intervenção sobre leitura e escrita, a partir dos contos africanos, conseguimos entender a Literatura a partir de autores como: Tzvetan Todorov, Benjamin Abdala Junior, Maria Aparecida Paschoalin, Tania Macêdo, Rita Chaves, Carmen Tindó, Ana Mafalda Leite, Inocência Mata, entre outros. Foi possível mostrar para a gestão escolar que, ao se trabalhar com o gênero Conto, a prática pedagógica se desenvolve, segundo as Diretrizes Curriculares Estaduais – DCE, do conteúdo estruturante de Língua Portuguesa, pois sinaliza o ensino da língua para o uso real, oportunizando aos alunos, produzirem os diferentes tipos de

texto. Além disso, praticar a leitura e a oralidade.

É fundamental pensar a oralidade e o seu papel transformador nas análises feitas sobre as literaturas africanas, pois a linguagem literária ajusta-se aos propósitos do escritor africano de ressaltar elementos que expressem seu povo, para conferir uma feição africana à linguagem portuguesa, de acordo com Petit

O gosto pela leitura deriva, em grande medida, dessas intersubjetividades e deve muito à voz. Se nenhuma receita garante que a criança lerá, a capacidade de estabelecer com os livros uma relação afetiva, emotiva e sensorial, e não simplesmente cognitiva, parece ser de fato decisiva, assim como as leituras orais: na França, o número dos grandes leitores é duas vezes maior entre os que se beneficiaram de histórias contadas pelas mães todos os dias do que entre os que não ouviram nenhuma. Antes do encontro com o livro, existe a voz materna, ou em alguns casos, paterna, ou ainda em certos contextos culturais da avó ou de uma outra pessoa que cuida da criança, que lê ou conta histórias. (PETIT, 2008, p. 58).

Sendo assim, a leitura é definida como uma maneira de comunicar-se com o texto por meio da busca de compreensão. O ato de ler ativa uma série de ações na mente do leitor pelas quais ele extrai informações. Ela é a capacitação de significados numa crescente comunicação entre o leitor e o texto que implica aprender a descobrir, reconhecer e utilizar os sinais da linguagem. De acordo com a ideia de que a leitura implica compreensão, um aluno que seja somente capaz de decodificar as palavras sem alcançar o entendimento da ideia contida nelas não pode ser considerado alguém que realmente lê.

Na hora da leitura, os alunos precisam ser capazes de tomar uma decisão frente ao que leem, perceber não só o que está explícito, mas o que está subentendido e compreender as interações do autor e suas motivações para apresentar a informação de determinado modo. Na hora de escrever, têm de saber definir quem será o destinatário, qual o propósito dessa escrita e como fazer isso de um jeito eficiente; aí está incluído definir o gênero mais adequado e seguir as normas e os padrões socialmente aceitos.

A utilização de expressões nativas, nas línguas nacionais, a criação de termos, o uso sem preconceitos de mudanças próprias da fala popular, constituem a base do fenômeno de apropriação e contaminação do idioma oficial.

A língua já não é a que o colonizador trouxe, ela que outrora foi um veículo privilegiado de dominação, é agora um veículo de libertação, pois sofre um processo de metamorfose, de africanização. Dessa maneira, de acordo com Leite,

O romancista africano tende a recuperar simbolicamente a preeminência do narrador que, na tradição oral, recebe o legado e o retransmite, orientando o acto narrativo, com autoridade incontestada pelo seu público, e pelas personagens da sua narrativa. (LEITE, 2005, p. 36-37).

As literaturas escritas em língua oficial portuguesa coexistem na maleabilidade das narrativas, fazendo coabitar o novo com o antigo, a escrita com a oralidade, num discurso híbrido. Origina uma escrita criativa mestiça, resultante dos diálogos entre formas de textualidade das línguas europeias escritas e formas de textualidade das línguas nativas. As palavras falam da busca de um lugar entre o que poderá ser e o que foi, da procura de uma identidade condicionada ao exercício constante da sobrevivência nas diferenças.

Como bem definiu o escritor moçambicano Mia Couto (2002), o português sozinho não consegue transmitir a realidade africana, há que se usar as potencialidades da língua portuguesa e trabalhá-la inserindo elementos que possam representar os significados da África. Nessa perspectiva, nada mais próprio do que as oralidades, essa “mutação” nada mais é de que uma maneira africana de contar coisas africanas usando a língua portuguesa.

Segundo Abdala e Paschoalin, (1982, p. 187-188,) “a formação de uma literatura depende de produções em língua nacional” [...] que “formam a consciência nacional, promovidas pelos grupos sociais mais típicos e dinâmicos”. Para o desenvolvimento literário africano, o fator língua consistia em grande dificuldade “pela existência de um grande número de línguas diferentes no continente, mas que aliados à língua portuguesa como afirmação de um sentido de unidade nacional, torna o português uma base sólida para a produção literária”.

No século XX, podemos observar que a narrativa américo-europeia se expandiu e a ficção portuguesa garantiu atualização e densidade à sua literatura. Os falantes da língua portuguesa, se impõem no contexto universo-cultural, principalmente na busca pela libertação do jugo colonialista português. As populações dos países africanos foram convocadas para participar do esforço de guerra e muitos lutaram no conflito. Ao terminar, imaginaram que teriam mais autonomia, porém não foi isso que aconteceu. O colonialismo continuou como antes da guerra.

Os processos de independência na África se iniciaram no início do século XX, com a independência do Egito. No entanto, somente após a Segunda Guerra Mundial, com as potências europeias enfraquecidas, os países africanos alcançaram a independência.

As potências europeias dominantes substituíram o Colonialismo pelo Imperialismo que parecia ser mais econômico, criando uma ilusão de autonomia que evitava gastos administrativos e reduzia as despesas militares. Instaurada a monarquia parlamentar, muitas

dificuldades surgiram e teve por consequência a intensificação das atividades econômicas e o desenvolvimento de uma burguesia crioula ativa. Com a decadência da tal burguesia crioula, no século XX, instalada a República Democrática Portuguesa, a África passa por mudanças ao mesmo tempo em que se procura desenvolver uma política assimilacionista, na qual se desenvolve o pensamento de desorganizar ou mesmo eliminar a cultura própria do país e implantar ou aplicar regras de colonialismo, que seria visto como agente colonizador. Tentaram, em vão, dividir a população africana entre civilizados e não civilizados. Tais regras perderam as condições de aplicabilidade pois as exigências para ser considerado civilizado foram frustradas porque a minoria da população atendia aos requisitos exigidos.

A escolha em trabalhar com contos africanos se dá, pela possibilidade de o gênero colaborar com atividades de leitura compartilhada na aula e de explorar a criatividade, a reflexão, a crítica com o comprometimento social, um meio de alcançar a atenção para as questões das dificuldades de leitura e escrita.

Para que esta leitura e escrita aconteçam, temos que saber as preferências dos alunos, para juntos, definirmos qual o tema será melhor para desenvolvermos a proposta, em seguida os alunos, em equipes, poderão selecionar o conto que servirá de texto-base para a escrita, compreendendo que a relação entre si, visa algum objetivo. Dessa forma, os alunos terão oportunidade de participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta.

Todorov (2009, p. 23-24) sinaliza para a importância da Literatura na formação humana quando chama atenção para o caráter constitutivo, humanizador que o contato com esta forma artística da linguagem proporciona. O autor explica porque, enquanto leitor, nutre um sentimento de afeição pelos textos literários:

Em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las. [...] Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a Literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. (TODOROV, 2009, p. 23-24).

A partir desse enriquecimento, percebemos a capacidade que a Literatura tem de produzir possibilidades de compreensão e sensibilidades devido a sua natureza estética e expressiva e acede que o contato com ela, franqueie a cada um de nós, jovens, adultos e crianças, dialogar neste e em outros contextos, tempos e lugares. A Literatura configura-se, então, como um direito de todo ser humano e, assim como outros bens, deve se fazer presente na vida dos indivíduos, porque os humaniza.

Candido (2004 p. 182) entende, como humanizadora, a atividade que possibilite a formação através da humanização, que por sua vez é definida como o

[...] processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, [...], o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (CANDIDO, 2011, p. 182).

Sendo assim, o papel da literatura é fundamental na formação do indivíduo, o hábito da leitura na infância ajuda a despertar na criança o senso crítico, além de auxiliar o aprendizado. Ao entrar em contato com o texto literário o sujeito se empodera, porque a arte traz conhecimento e outros sentidos, como a possibilidade de gerar conflitos, com os quais o leitor se identifica ou não, tendem a se relacionarem com o passado e o presente, novamente diz Petit:

Por muito tempo se opôs oral e escrita, embora o livro e a voz sejam companheiros, e a biblioteca, em particular, seja um ambiente "natural" para a oralidade: é o lugar de milhares de vozes escondidas nos livros que foram escritos a partir da voz interior de um autor. Quando lê, cada leitor faz reviver essa voz, que provém às vezes de muitos séculos atrás. Mas para as pessoas que cresceram longe dos suportes impressos, alguém tem que emprestar sua voz para que entendam aquela que o livro carrega. (PETIT, 2008, p. 60).

A leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o indivíduo. A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente pela promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo.

Para fins didáticos dividiremos as atividades em etapas, sendo estas previamente planejadas com os alunos, visando a dinamicidade ao processo. Podemos acrescentar atividades durante o percurso, uma vez que a proposta não está fechada, mas passível de alterações, mudanças.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais

a característica básica de um projeto é que ele tem um objetivo compartilhado por todos os envolvidos, que se expressa num produto final em função do qual todos trabalham e que terá, necessariamente, destinação, divulgação e circulação social internamente na escola ou fora dela. (BRASIL, 1998, p. 87).

Por todos esses aspectos, o Projeto de Intervenção é um grande desafio, pois traz uma nova forma de ensinar, na qual professor e aluno terão participação ativa durante o desenvolvimento da proposta, tornando-os mais próximos e desmistificando que é o professor bque ensina e o aluno que aprende. Nesse sentido, ambos aprendem e ensinam, numa constante interação.

Julgo importante deixar a sugestão de não cairmos no simplismo de minimizar a literature africana no Brasil, pois, como afirma Inocência Mata, (1995, p.96) nascida em São Tomé e Príncipe, e incansável pesquisadora das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, “quando se pensa que basta ler cinco livros, basta conhecer os escritores, basta ser amiga deles para ser ‘especialista’, torna a área ‘menor’, porque a folcloriza”. Por isso, adotemos, sempre, perante as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, a postura de insaciáveis, pautando-nos pelo mesmo princípio de Mia Couto, o de que, “África rouba-nos o ser. E nos vaza de maneira inversa: enchendo-nos de alma”.

Trabalhar com contos africanos, nos possibilitou ver, a partir de autores que utilizamos em nossas pesquisas e conseguimos obter resultados que abordam a literatura africana em sala de aula, pois representam uma África contemporânea e os embates que os africanos sofrem nos contextos abordados. Pude ver a escrita literária a que possibilita a leitura crítica da realidade, ao conduzir os alunos ao mais profundo imaginário social e cultural em todas denominações que possam surgir em relação à literatura Africana.

Nossos alunos têm o direito de conhecer todas as culturas, sobretudo as culturas africana e indígena que tanto contribuíram na construção da identidade do povo brasileiro, a identidade cultural nos faz pertencer a uma cultura, onde todos são vistos com igualdade de condições.

Não podemos permitir somente o acesso à educação monocultural e eurocêntrica como vem ocorrendo em nossas escolas. Devemos construir o diálogo entre a diversidade de conhecimentos e culturas, com respeito a todas, sem exclusões. A história e a cultura africanas dizem respeito a toda a humanidade e não somente aos descendentes africanos, a população brasileira, como um todo, precisa ter este conhecimento.

Após convocação para uma reunião com a coordenação, devido a situação pandêmica em nosso país, nossa coordenadora Maristela Cury Sarian, colocou-nos que o Programa havia decidido que as intervenções, poderiam ser propositivas ou interventivas remotas, que deveríamos escolher a melhor alternativa e juntamente com os respectivos orientadores, fazer os ajustes necessários a esta proposta. Os produtos finais seriam de exclusividade da mestranda, de acordo com cada projeto, e que a natureza base desse produto poderia ser impressa, eletrônica, virtual, etc... e que a relação teoria e prática, teriam de ser materializadas neste

produto. O que na verdade mudaria, era a metodologia não seria mais presencial e deveria sempre ter sua sustentação teórica no plano de aula.

Depois da reunião, mesmo com algumas questões sanadas, ainda persistiam algumas dúvidas se conseguiríamos ou não desenvolver essa intervenção propositiva ou remota, porém começamos a nos organizar, cada mestranda na sua linha de pesquisa, no meu caso literatura.

Tivemos como produto final deste trabalho a produção de um vídeo com animação enarração a partir do conto “O dia em que explodiu Mabata-bata”. A idealização deste vídeo surge num momento de dificuldade de leitura e interpretação, daí a colaboração e participação dos alunos nas aulas remotas. com os textos que os alunos escreveram, cada um apresentou sobre o conto que leu.

3. PROPOSTA DE LEITURA DE CONTOS AFRICANOS EM TEMPOS DE PANDEMIA E ENSINO REMOTO.

Este projeto foi elaborado com o propósito de desenvolver a leitura e produção escrita dos alunos. Propusemos aos alunos, por meio de situações de dificuldades vivenciadas, ações de práticas de leitura e escrita, através dos contos africanos, para assim, possibilitar um maior contato entre criança, livros e escritores, interpretar diferentes textos e fazer relação com a vida cotidiana, envolvendo a reescrita de histórias através da produção textual.

A literatura transforma, desperta a sensibilidade, possibilita a caminhada pelo desconhecido, estimula a criatividade. A leitura é um grande instrumento que os professores têm para despertar e senso crítico e reflexivo das crianças, pois um mesmo texto possibilita diferentes interpretações.

Quando o professor possibilita a fruição dos seus alunos, ele está dando reais condições para que estas crianças possam se desenvolver, baseados na liberdade de expressão, independentemente do livro que lhes foi apresentado, pois a justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser críticoperante sua circunstância; e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprida toda a referência concreta. (ZILBERMAN 2003, p. 18).

No ambiente escolar ocorrem diversos conflitos tanto na relação entre professor/aluno como entre aluno/aluno, alguns dos motivos de intrigas entre alunos em sala possui como pretexto o preconceito referente ao peso, altura, estilo de roupa, gostos musicais, cor da pele, entre outros. Contudo, o preconceito racial na sala de aula é o que move as discussões, uma das causas por existir as ofensas nas escolas relacionadas à cor da pele, diz respeito a toda uma história de exploração sofrida pela população negra no Brasil.

Com a implantação da Lei 10.639/03 houve uma mudança nas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana, entretanto, ainda há algumas escolas que ignoram tais mudanças. A lei foi criada com o objetivo de promover nas escolas, especificamente em sala de aula, a valorização da cultura afrobrasileira como um importante acontecimento histórico e social na formação da sociedade brasileira. Os negros são protagonistas no processo histórico que o Brasil passou até tornar-se uma República democrática, são sujeitos históricos, com isso as escolas precisam mostrar aos estudantes a importância da cultura negra para a construção identitária.

Partindo da problemática apresentada no projeto em que, os alunos do ensino fundamental, mantêm pouco contato com a leitura literária, possuindo hábitos deficientes de leitura e como consequência apresentam dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita. Espera-se que a proposta de aliar a leitura e sua relação com a arte de contar histórias, proporcione um novo encontro entre leitor e texto, potencializando os aspectos lúdicos e imaginários dos alunos, despertando-os para novas viagens de leitura, pois nos deparamos no dia-a-dia escolar com alunos que não gostam de ler ou que dizem não entender o que leram, ou ainda, que apenas conseguem indicar informações presentes no texto, não é este o letramento necessário para o exercício da cidadania e para o combate aos desafios da vida.

A abordagem desta temática, encontra justificativa na busca de estratégias de ação para o trabalho de incentivo à leitura, procurando reavivar nos alunos o encantamento pelo texto literário, por meio da arte de contar histórias; intuindo que venham a descobrir que o ato de ler é mágico, é fruição, é descoberta e, acima de tudo, é ensinamento, podendo contribuir para ampliar sua visão sobre si, sua comunidade e o mundo à sua volta.

Com base na concepção da literatura como arte que encanta, transforma e humaniza o homem e a sociedade, objetiva-se, com esta proposta, despertar nos alunos novas leituras do texto e do contexto, oportunizando momentos de ludicidade, interação e aquisição de novos conhecimentos.

Portanto, o trabalho com a literatura é tão importante na primeira etapa do ensino fundamental quanto na segunda. O aluno necessita do envolvimento de uma boa história, de um bom conto para aguçar seu imaginário. Coelho (2000, p. 39), ao referir-se sobre essa fase, nos coloca que “ainda o maravilhoso, o mágico, o fantástico ou o absurdo existente em universos diferentes do nosso mundo conhecido, continuam sendo grandes atrações”.

Outra questão preocupante que cabe colocar, é o fato de que muitos alunos que concluem a primeira fase do Ensino Fundamental, chegam ao 6º ano com defasagem na leitura e na escrita, devido a vários indicadores como: uma alfabetização deficiente, falta de hábito de leitura, problemas clínicos, falta de assiduidade à escola, falta de interesse, entre outros. Problemas já constatados a nível nacional, de acordo com os dados do IDEB, que apontam para os baixos índices da aprendizagem, na educação básica, em nosso país.

E mesmo que o texto literário esteja presente em sala de aula, que faça parte da práxis do professor, ainda continua sendo motivo de preocupação e alvo de muitas discussões por especialistas em todo o Brasil, que desde a década dos anos 80, discutem a crise do ensino de literatura nas escolas brasileiras. Muitas vezes, esse trabalho acontece de maneira equivocada, como pretexto para outras atividades, como é o caso dos textos apresentados no livro didático,

por exemplo. A crítica Regina Zilberman (1986, p. 7), já refletia sobre essa crise, a qual continua até os dias atuais: “o âmbito reservado à literatura se vê assolado pela crise de ensino, somada agora a uma crise particular a da leitura, que extravaza o espaço da escola, na medida em que se de para com a concorrência dos meios de comunicação de massa”.

Desde então, há uma preocupação constante e debates por parte de especialistas em educação, na busca por estratégias que incentivem o encontro do aluno com os textos literários, visando uma maior reflexão e compreensão sobre as diversas linguagens que o texto lhe proporciona.

Diante disso, destaca-se a seguinte pergunta: A leitura e sua relação com a arte de ler histórias poderá proporcionar um novo encontro entre leitor e texto, potencializando os aspectos lúdicos e imaginários dos alunos e despertando novas estratégias de leituras?

Partindo do princípio que, o sujeito traz consigo diversos conhecimentos, “os de mundo” (Freire, 1996, p.15) e que por meio da leitura, reflexão e compreensão da palavra, ele interage com o mundo à sua volta, trazendo significados à sua existência então, mediados pelo professor, os alunos poderão interagir com o texto/autor, por meio da leitura; interagir também uns com os outros, provocando maiores possibilidades de diálogo com as pessoas ao seu redor. “Ao ler, o indivíduo busca as suas experiências, os seus conhecimentos prévios, a sua formação familiar, religiosa, cultural”.

Dessa forma, trabalhamos com aulas expositivas, leituras de textos literários, exibição de filmes, documentários e entrevistas, pois quando as crianças escutam histórias, são poucos os momentos de dispersão, os alunos atentam-se as narrativas trabalhadas, se envolvem com esse processo lúdico e interativo. O envolvimento é uma das condições fundamentais para a construção de uma aprendizagem significativa, no decorrer do semestre, sendo possível constatar que as crianças levam o conteúdo das histórias para a vida.

Para aprender as estratégias, os alunos devem integrá-las a uma atividade de leitura significativa, assim, é preciso articular situações de ensino de leitura em que se garanta sua aprendizagem significativa. Quando se trata de ensinar as estratégias responsáveis pela compreensão, devem vivenciar e assistir ao que o professor faz quando ele mesmo se depara com a leitura ou com a dificuldade de leitura.

Caso necessário, daríamos início ao trabalho individual a partir das dificuldades, para que pudessem obter condição prévia, para o êxito da atividade de ler e escrever, que foi desenvolvida no projeto de intervenção, pois, quando o aluno compreende o que leu, quando a leitura faz sentido, quando vem de encontro às suas expectativas e traz algo para a sua vida, mais ele busca por outras leituras. Assim como um exercício que ele necessita fazer para sentir-

se melhor. Daí a importância de ser estimulado, partindo de textos de seus interesses.

Para que esta leitura e escrita acontecesse, conhecemos as preferências dos alunos, para juntos então, trabalharmos o gênero conto. Sabíamos das dificuldades que esse público alvo tinha quanto a leitura e escrita, portanto nos atentamos para que todos participassem e interagissem em todas as atividades propostas.

Para fins didáticos dividimos as atividades em etapas, sendo estas previamente planejadas com os alunos, visando a dinamicidade ao processo. Acrescentamos atividades durante o percurso, uma vez que a proposta não estava fechada, mas passível de alterações e mudanças.

As atividades da primeira a quinta etapas, além, da escrita, constituíram um arquivo de leitura, para subsidiar as atividades de reescrita dos contos que ocorreram nas etapas finais.

3.1 Experiências de um percurso de leitura

Primeira etapa (4 horas-aula)

A primeira etapa foi de mostrar o Projeto para a coordenação, direção e professores. Apresentamos a proposta e após a fase das apresentações e explicações sobre o trabalho que seria desenvolvido. Nessa apresentação falamos do PROFLETRAS, de como seria a intervenção, quais metodologias seriam usadas no desenvolvimento da proposta. Após essa apresentação para a gestão, na semana seguinte a proposta foi apresentada aos pais, nem todos participaram, porém os presentes gostaram da proposta. A apresentação para os alunos foi bastante tranquila, expliquei o que é o mestrado profissional e o que é a intervenção, fruto da pesquisa em questão. Apresentar a minha trajetória acadêmica fez com que os alunos conhecessem a minha realidade, motivando-os a fazer parte do projeto de pesquisa. Após todas informações, fomos para o laboratório de informática da escola para realização de algumas pesquisas sobre o que é conto. Os alunos, sob a orientação da professora, pesquisaram, compararam, selecionaram e interpretaram as informações que encontraram. Então, discutimos e buscamos a compreensão das especificidades desse gênero.

Quando elaboramos este projeto de intervenção, o qual passou pela Banca de Qualificação em 22 de fevereiro de 2020, não imaginávamos em hipótese alguma, mesmo vendo que a China passava por dificuldades por causa da COVID19, que o Brasil também estava na fila e que muitas coisas teriam que ser mudadas. Foi então a hora de suspender as aulas, começar a usar álcool em gel, usar máscaras e principalmente, aprender a lavar as mãos direito, pois aquilo que ensinávamos as crianças a fazer no passado, agora fazia parte do nosso

aprender no dia a dia. Constava a data de 23 de março de 2020, como início do desenvolvimento da intervenção em sala de aula com os alunos, que já sabiam e esperavam ansiosos, porém a diretora nos comunicou que teríamos de esperar, pelo menos uma semana, até que a SMEC (Secretaria Municipal de Educação), orientasse sobre quais medidas tomar.

Em 27 de março de 2020, todas as aulas foram suspensas e nosso projeto também. Lembro-me perfeitamente que minha Orientadora Vera Lúcia Maquêa, por contato via Whatsapp e email, orientou-me a ter paciência, pois o mundo todo passava por isso. No dia 16 de abril, me perguntou em uma mensagem, como eu estava em tempos tão difíceis e que deveríamos seguir em frente, não havia nada que durasse para sempre, e que eu deveria aproveitar para ler e escrever, durante o período de quarentena. Pedia para que eu continuasse a escrever a parte crítica teórica do texto da dissertação. Confesso que me encontrava perdida, sem rumo, pois queria muito mesmo, desenvolver minha intervenção e escrever minha dissertação de acordo com o que o programa pedia, portanto mal sabíamos que tudo mudaria.

As instituições de ensino são orientadas a aproveitarem em ampla escala as ferramentas de tecnologia educacional, como por exemplo as plataformas e ambientes virtuais de ensino, para garantir os processos pedagógicos de aprendizagem. Os sistemas de ensino então iniciam produzindo vídeoaulas, transmissões ao vivo, exercícios online, entre outros mecanismos. Todo esse esforço se faz para manter os estudantes em um ritmo de estudo, mesmo estando distantes do espaço físico da escola.

A educação se encontrava sob enormes desafios para implantar ainda que de forma temporária, a educação remota na educação básica no país. A realidade apresentou-me alunos e famílias que não conseguiam utilizar plataformas online de ensino, professores que careciam de formação técnica para direcionar processos de aprendizagem em ambientes virtuais. Esses desafios são ampliados quando levamos em conta a rede pública, em que estudam mais de 80% dos brasileiros em idade escolar. Outro ponto central é o acesso a computadores. Segundo pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil, 58% dos domicílios no país não têm acesso a computadores e 33% não dispõem de internet. Dessa forma, levar à frente a educação remota se tornava complicado principalmente para os grupos sociais mais vulneráveis.

Em meio a tantos desafios, iniciamos o processo remoto, criamos o grupo de whatsapp, porém muitos alunos se recusaram a participar, mesmo com muita insistência da parte gestora e da nossa como mestrandas.

Nesta aula, perguntei aos alunos se sabiam o que era aula remota e a resposta foi não. Apesar de responder que não sabia o que era aula remota, um aluno disse que “deve ser algo

que fica muito longe da gente, não podemos manusear”. Concordei que o intuito da aula remota é de não ser manuseado presencialmente (apesar de ser possível fazê-lo), mas que poderia ser manipulado via internet. Nessa fase me vi diante de muitos problemas para desenvolver a intervenção, pois tudo acontecia remotamente e tanto os professores quanto os alunos sentiam-se inseguros. Foi necessário então, estabelecer algumas regras para o bom andamento das aulas que iniciariam.

- Todos os alunos deveriam ter a responsabilidade de estar a disposição no momento da chamada de vídeo para a aula.
- As atividades propostas teriam uma data limite para serem entregues.
- As atividades estariam a disposição na escola por tempo limitado.

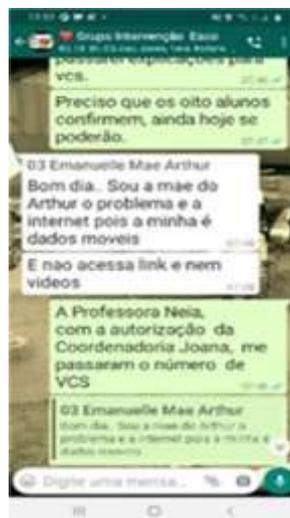
Não tivemos grandes problemas. Alguns alunos perderam ou resolveram as atividades no último prazo, porém dentro das regras estabelecidas.

Em relação aos objetivos de aprendizagem, podemos verificar que foram atingidos parcialmente, pelos alunos. Ao serem perguntados sobre a utilização do celular e de novas tecnologias em sala de aula, a maioria disse ser favorável, fator importante para o andamento das próximas aulas.

Aqui retomamos a crítica de Regina Zilberman, citada no início deste capítulo: Quando o professor possibilita a fruição dos seus alunos, ele está dando reais condições para que estas crianças possam se desenvolver.

Foram muitos os obstáculos, até chegarmos a um número mínimo de alunos para iniciar a intervenção remota. A seguir, como podemos ver nas imagens, transcrevemos algumas falas, tanto das mães como dos alunos

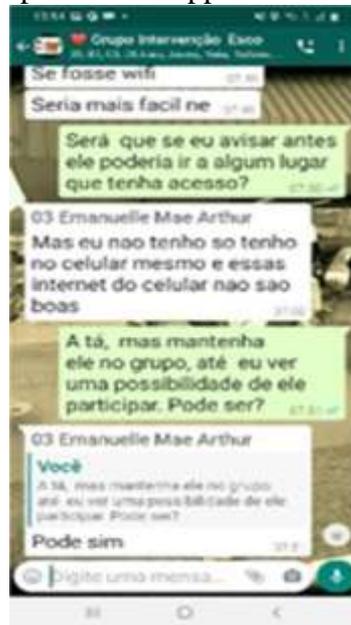
Figura 3 - Conversa no grupo de whatsapp sobre o início da intervenção remota



Elaborada pela autora

“Bom dia, sou a mãe do Arthur. O problema é a internet, pois a minha é dados móveis e não acessa link e nem vídeos”.

Figura 4 - Conversa no grupo de whatsapp sobre o início da intervenção remota



Elaborada pela autora

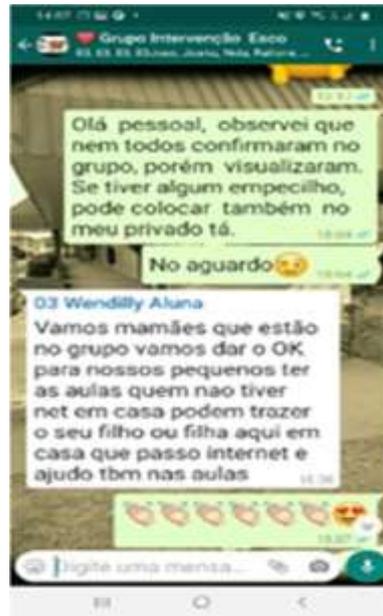
Outra mãe tentando ajudar. “ Se fosse wifi seria mais fácil né”. “Mas eu não tenho, só tenho no celular mesmo e essas internet no celular não são boas”.

Figura 5 - Conversa no grupo de whatsapp sobre o início da intervenção remota



Elaborada pela autora

Figura 6 - Conversa no grupo de whatsapp sobre o início da intervenção remota



Elaborada pela autora

Uma mãe tentando nos ajudar. “ *Vamos mãães que estão no grupo, vamos dar o ok para os nossos pequenos ter as aulas, quem não tiver Net em casa podem trazer o seu filho ou filha aqui em casa que passo a internet e ajudo também nas aulas*”.

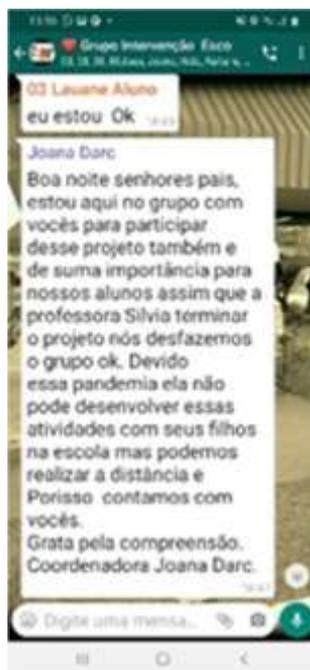
Figura 7 - Conversa no grupo de whatsapp sobre o início da intervenção remota



Elaborada pela autora

Das conversas no grupo, muitas foram as reclamações, ora por causa da internet, ora por causa de falta de aparelho celular, porém com a ajuda da coordenadora Joana Darc Borges e com a fala de uma mãe que se preocupava com os estudos da sua filha, conseguimos prosseguir.

Figura 8 - Conversa no grupo de whatsapp sobre o início da intervenção remota



Elaborada pela autora

Fala da Coordenadora. *“Boa noite senhores pais, estou aqui no grupo com vocês para participar desse projeto também e de suma importância para nossos alunos assim que a professora Silvia terminar o projeto nós desfazemos o grupo ok. Devido essa pandemia ela não pode desenvolver essas atividades com seus filhos na escola mas podemos realizar a distância e Por isso contamos com vocês. Grata pela compreensão. Coordenadora Joana Darc. Quero pedir aos pais do grupo que não saiam porque os textos e atividades estão vinculados as atividades da professora titular da sala. É muito importante que os alunos participam para aprimorar os conhecimentos deles. Grata à todos.*

E assim o processo prosseguia com dificuldades, porém andava a passos lentos, alicerçado pelas palavras de (Petit, 2009, p. 40) que diz:

Esse espaço íntimo aberto pela leitura não é apenas uma ilusão ou uma válvula de escape. Às vezes pode ser: nós nos consolamos das vidas, dos amores que vivemos, com as histórias dos outros. Mas é sobretudo uma fuga para um lugar em que não se depende dos outros [...]. E esse espaço íntimo nos dá um lugar. (PETIT, 2009, p. 40).

Segunda etapa (2 horas-aula)

Nesta etapa realizamos a leitura dos contos inteiros ou trechos que apresentam elementos como de descrição de personagens, ambientação, expressões que provocam emoções. Enviamos os contos novamente, para que agora apreciassem com mais atenção.

Durante a leitura, não houve muitos questionamentos por parte dos alunos. Apenas quando foi lido sobre o tio Raul um aluno se manifestou dizendo que não entendia como as pessoas podiam ser tão ruins. Então falei sobre os vários tipos de comportamento nas pessoas e que havia gostado da observação dele.

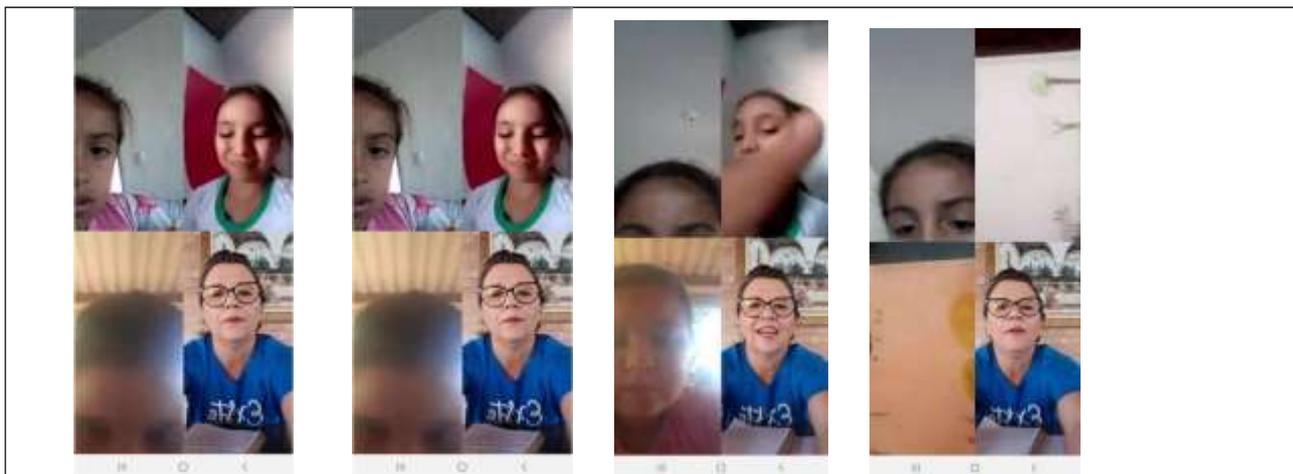
Nesta atividade os alunos mostraram seus sentimentos, suas emoções através do texto lido. Mostraram que desconheciam aquela obra, mas gostaram da leitura e mesmo depois de lida mais de uma vez, tinham dificuldade em colocar as ideias no papel e até mesmo para desenhar. Alguns pareciam necessitar de orientação para a atividade e para ajudar-lhes na tomada da consciência do ler a partir dele foi necessário o agir professoral.

Então elaboramos atividades para a compreensão dos alunos sobre o gênero conto, para que conhecessem o conto através do vídeo História Africana *O dia em que explodiu Mabatabata* -Mia Couto.

Em seguida, sugerimos aos alunos que desenhassem conforme a leitura, para que pudessem discutir, sobre o que aconteceu na história e fazer comparações com os trechos lidos. Vimos nessa atividade que nossa memória está longe de poder selecionar e guardar toda obra lida, pois na medida que a aula acontecia, surgia a necessidade nos alunos de fazer uma viagem em seu interior e buscar a realidade através daquela leitura.

Para finalizar, perguntei aos alunos o que eles tinham achado da aula e, os que responderam, disseram ter gostado. Uma aluna perguntou se naquele dia já teria mais tarefa na grupo e eu informei que sim.

Figura 9 - Primeira aula remota pelo grupo de whatsapp



Elaborada pela autora

Esta etapa nos mostrou que mesmo com muita dificuldade, tanto da parte dos alunos como de nossa parte, conseguíamos ir adiante. Como podemos observar, alguns alunos (as), de início sentiam-se tímidos, porém também nos ensinavam e conseguiam nos mostrar ferramentas tecnológicas para melhorar nossas aulas.

Apesar de poucos pais acompanharem os filhos nas atividades propostas, a maioria dos que estavam no grupo, faziam as atividades em tempo hábil. Em algumas aulas por chamada de vídeo, percebíamos que alguns alunos eram orientados por outro irmão(ã), Primo(a) que também estava tendo aula remota, pois em muitos momentos percebíamos vozes que os orientavam ao fundo.

Portanto, mesmo com as restrições de estrutura tecnológica, os alunos se mostraram dispostos e verificamos que seria muito boa a intervenção prevista nesse projeto de pesquisa.

Terceira etapa (2 horas-aula)

Nesta etapa, seria realizada a pesquisa no laboratório de vários contos, entre eles: “O dia em que explodiu Mabata-bata”, “O enterro da bicicleta”, “As mãos dos Pretos”, “Dragão e eu”, “Solidão”, “A Lebre, o Lobo, o Menino e o Homem do pote” e “Passei por um Sonho”, porém, devido a pandemia fizemos algumas mudanças, fizemos a leitura do conto com os alunos via chamada de vídeo. Isso se deu, para que os alunos pudessem se interessar pela leitura, pois nesta série, muitos tem muita dificuldade em ler, ou ainda não praticam. Após a leitura, passaram a perguntar sobre suas dúvidas. As respostas eram direcionadas a cada pergunta, de forma que todos pudessem ser contemplados. Verificamos que um aluno, apesar de interagir, o

fazia muito pouco, então fomos citando passagens do texto e chamando a atenção para os detalhes, para as características, mostrando que as personagens podem ter além das características físicas, as psicológicas. Que o tempo pode vir carregado de significados e que os fatos podem ser ricos em detalhes. Falei também que são esses detalhes que enriquecem as narrativas, que ao escrever o autor não pode deixá-los de lado.

Os alunos em silêncio e ouvindo, nos mostraram o que eles acharam da história e o aluno que pouco interagiu disse que ficou impressionado com a coragem do Azarias. A partir daí debatemos com os outros alunos para saber as percepções, que sentidos foram despertados. Pedi opinião sobre o enredo, as personagens. Eu precisava que todos falassem. Eles foram aos poucos se soltando. Aproveitei a oportunidade e fui provocando com perguntas, incitando respostas: Vocês gostam de histórias que envolvem animais? O que será que aconteceu com Mabata Bata afinal? Ele realmente morreu? Ou a ave o levou? Alguns responderam aos questionamentos e outros ficaram só observando. Fizemos alguns comentários, mas nada muito consistente. A impressão causada é que eles não tinham o hábito de falar, de se posicionar acerca de algo, dizer a opinião deles, talvez por ser a primeira leitura remota. Durante a aula, fui pedindo que eles falassem sobre as do conto que acabávamos de ler. Se eles viam algo em comum, alguma diferença. Nesse momento queriam falar todos ao mesmo tempo. Pedimos para que fizessem as inscrições para as falas e fui chamando-os um por vez. Então percebemos que a maioria dos alunos, conseguiram fazer comparações sobre as personagens, pois um questionou que o filho do tio ia a escola e o Azarias não.

Buscávamos conforme orienta Colomer (2003), aplicar a formação do leitor, na escola, esta ligada ao conceito de competência literária, como algo que deve ser aprendido socialmente, pois os textos escritos inserem-se em um contexto histórico-social e há a necessidade de apreender essas relações para compreendê-los.

Quarta etapa (2 horas-aula)

Nesta etapa foi organizada uma leitura individual, de acordo com as condições de cada aluno, havendo necessidade, seria realizada a intervenção de ajuda da professora para a leitura com o aluno.

O objetivo aqui foi fazê-los perceber que ao ler eles precisam se preocupar em caracterizar essas personagens, que, para além dessas características há outras que também precisamos conhecer.

A percepção que se teve é que os alunos, de modo geral, não conseguem se concentrar para ler. Eles querem começar a ler e logo terminar. Quando se fala em leitura e releitura, de modo geral, o grupo diz que já leu, que não precisa fazer releitura.

Reforcei que a maioria dos alunos ficavam ansiosos para ler rapidamente, então solicitei que pausassem mais a leitura para que assim conseguissem refletir sobre ela. Disse para que eles tivessem cuidado ao ler, pois quando não damos atenção a leitura ou lemos errado, prejudicamos a leitura toda e não conseguimos entendê-la.

Essa atividade teve por objetivo orientá-los sobre alguns pontos que devem ser observados ao ler uma história.

Figura 10 - Imagem da aula com a aluna Lauane Aguiar ensinando a gravar a aula



Elaborada pela autor

A aluna Lauane nesta imagem, nos ensinava a gravar a aula remota. Aqui era clara a interação professor/aluno, pois diante de tantas coisas novas, o velho de que o professor também aprende com o aluno, acontecia.

Figura 11 - Imagem da aula com a aluna Lauane Aguiar ensinando a gravar a aula

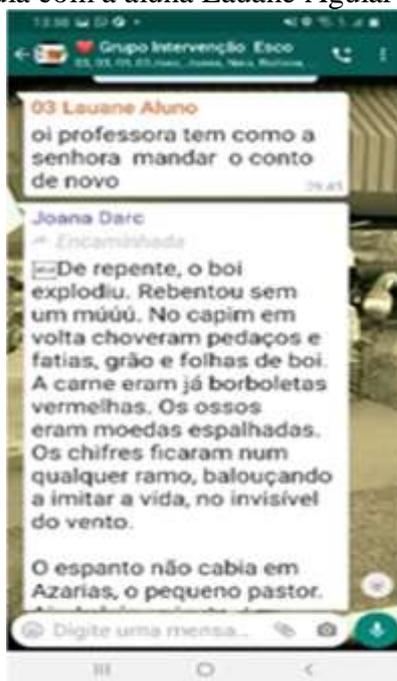


Elaborada pela autora

Nesta aula apresentava outra leitura aos alunos, pois alguns muito ansiosos com tudo, pediam outras leituras.

O trabalho proposto era sobre a leitura dos contos africanos, embora também fizemos a leitura de alguns contos da literatura afro brasileira que constam no âmbito da lei 10 639/03, atualizada para 10645/08.

Figura 12 -Imagem da aula com a aluna Lauane Aguiar ensinando a gravar a aula



Elaborada pela autora

Observamos que alguns alunos, quando em aula no grupo, não haviam feito a leitura indicada. Nesse momento a mediação foi uma ponte entre a leitura e o ser que lê.

Levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o que eles acham do que aparece nas histórias dos contos africanos, como seriam os personagens, onde se passam as histórias e fazer um levantamento de quais contos africanos os alunos já viram ou ouviram. Enfatizar que a história do brasileiro passa pela história dos povos africanos que auxiliaram na criação da nossa brasilidade.

Portanto depois de mediados as preocupações surgiram e alguns alunos mostraram isso, pois pediram ajuda. Mostramos a eles que o aluno pode recusar de expor suas interpretações, pode preferir escrevê-las, porém pontuei que que somente com uma releitura se daria a exploração do conto.

Fala da aluna Lauane, “*Oi professora tem como a senhora mandar o conto de novo*”. De repente, o boi explodiu. Rebentou sem um múúú. No capim em volta choveram pedaços e fatias, grão e folhas de boi. A carne eram já borboletas vermelhas. Os ossos eram moedas espalhadas. Os chifres ficaram num qualquer ramo, balouçando a imitar a vida, no invisível do vento...

Quando a aluna solicitou que lhe mandasse novamente o conto, foi possível perceber, que cada um, da sua maneira, mergulhou profundamente em seu eu, cada um, mesmo que minimamente tomou consciência do ler a partir de si, como resultado percebeu que ler é extrair

sentido dos textos, que objetivo principal da leitura é compreender um texto e, por ela, o que propõe, sugere ou instiga.

A formação do leitor é essencial para a melhor inserção do sujeito no mundo. Isso pode ser dito considerando-se que, de acordo com Colomer (2007), a tarefa de formar um leitor é parte do processo mais amplo de formação da própria pessoa. Tal perspectiva se apoia na visão de que o leitor, como um indivíduo, precisa construir e desenvolver qualidades como a sociabilidade, e ser preparado para inserir-se no mundo, o qual é marcado por diversidades sociais e culturais e encontros entre tais diferenças. O leitor, também como um sujeito mais amplo, deve ser formado com atenção à sua autonomia e condições apropriadas de analisar e julgar discursos, ideologias, posicionamentos, etc., de modo a ver o mundo da forma mais inteligível possível, então nos deparamos com o que diz Cosson “ O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona, capaz de envolver o aluno em um mundo feito de palavras”. (COSSON, 2014, p. 29).

O envolvimento dessa leitura, acontece a partir da hora que se ouviu ou leu um texto. Assim é possível a atribuição de sentidos e o aluno pode reler, comentar e ouvir o que dizem os colegas sobre o mesmo texto.

A aula começou a ficar muito agitada por conta da discussão, alguns alunos queriam relatar fatos relacionados ao conto e foi difícil retomar o assunto. Pedi que se acalmassem para voltarmos à interação de forma tranquila e que teríamos tempo para ouvir cada um deles, depois que eu terminasse de explicar os conceitos. Como já havíamos perdido algum tempo no começo da aula, o horário de aula terminou e não consegui finalizar a discussão. Entretanto, considero que essa aula foi bastante produtiva porque os alunos expuseram sua opinião e participaram bastante da discussão.

Logo no começo da aula, duas alunas (que estavam participando ativamente de todas as atividades, tanto na chamada de vídeo, como no grupo), me disseram que essa tinha sido a atividade que elas mais gostaram. Informei que havia preparado a aula para sanar essas possíveis dificuldades, mas que poderiam me fazer perguntas a qualquer momento da aula.

Quinta etapa (2 horas-aula)

Nesta etapa discutimos sobre a diversidade da literatura com foco na literatura dos contos Africanos: “O dia em que explodiu Mabata-bata”, Mia Couto, que fala dos conflitos que marcaram Moçambique e ambienta-se na época das guerras civis. Ao levá-lo para o contexto escolar, o professor pode combinar elementos interdisciplinares para proporcionar uma

interação maior entre os alunos e o texto, além de explicar o contexto das guerras civis na nação moçambicana, apresentando uma narrativa mítica, presente no imaginário africano a respeito do Ndlati, onde podem analisar como o narrador se apropria do mito do “pássaro relâmpago” numa perspectiva intertextual.

Durante as aulas da semana foi lido contos diferentes, independente do que propusemos para aquela semana. Os textos foram usados, ora para análises, ora para —simples leitura, fruição, deleite, para iniciar ou finalizar cada aula. Às vezes os textos eram lidos e analisados como tarefa de casa. Entre esses contos, foram indicados: “As mãos dos pretos”, Luiz Eduardo Honwana, que evidencia um grave problema que toma a sociedade moçambicana: o racismo, Dragão e eu de Teixeira de Souza, que mescla o cotidiano cabo-verdiano- parecido com o de muitos brasileiros, marcado pela fome e seca, “A lebre, o lobo, o menino e o Homem do pote”, de Odete Costa Semedo, entre outros.

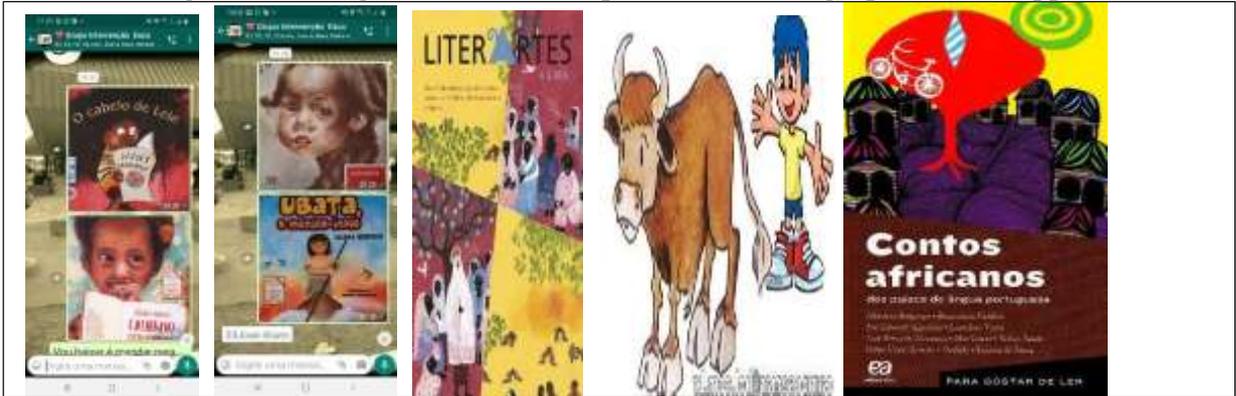
Em seguida, alguns alunos começaram a falar sobre a “estranheza” de alguns títulos. Antes mesmo de começar a explicação, um aluno levantou a mão para perguntar: “professora, todos os contos africanos falam da vida triste das pessoas que lá vivem”. A pergunta do aluno foi importante para o desenvolvimento da aula, pois muitos não tinham nem prestado atenção aos títulos. Outra aluna, já descordou de que os contos somente mostram a parte triste, disse que os contos brasileiros também são assim e que havia lido.

Aqui nos deparamos com o impacto que o conto africano desencadeou no aluno e definitivamente, compreendemos que histórias que mostram somente personagens perfeitos e terminam bem, com sentimentos bons, não aguçam a imaginação. Precisamos fazê-los ler algo que mostra os seres humanos como humanos de verdade. Então comecei a explicar que um simples livro traz a tona assuntos diversos, como reconhecimento da diversidade, valorização dos aspectos físicos africanos, dentre muitos outros.

Mais uma vês a indagação do aluno me levou a refletir que todos os educadores, educandos e pais devem compreender, que não temos que aprender sobre a cultura africana só porque há uma lei que obriga a tal ação. O que todos deveríamos ter consciência e que é uma cultura e como tal, merece o mesmo respeito que qualquer outra.

Percebemos que quando a criança tem a possibilidade de ter acesso à cultura africana ainda nas séries iniciais, há um espaço para que esta cultura possa ser ainda mais enraizada no seu conhecimento, para ao Nível Fundamental I, com um pouco mais de maturidade. Os docentes podem iniciar a introdução da cultura africana através da identificação de objetos, músicas e costumes originários da África, os quais são percebidos na população brasileira dos dias atuais.

Figura 13 - Imagens de leituras disponibilizadas no grupo de whatsapp



Elaborada pela autora

Sexta etapa (2 horas-aula)

Com o intuito de delimitar nossa intervenção, voltaremos especificamente para a produção literária de Moçambique a partir da análise do conto. “O dia em que explodiu Mabatabata”, de Mia Couto. Foram muitos os momentos que percebemos, pelas falas dos alunos que, aquilo que pretendíamos para com eles, estava acontecendo, mesmo que de forma lenta e diferente, já que nossas aulas aconteciam remotamente.

Em certa aula, uma aluna me perguntava se quem escrevia os contos africanos se vestia com roupas coloridas e turbantes sobre a cabeça. Antes que eu pudesse responder, o outro aluno disse: *Você não prestou atenção quando leu sobre Mia Couto? Ele se veste “normal”, como nós.* Neste momento, mesmo sabendo que tínhamos dois assuntos para tratar com os alunos, percebi que a história que havia lido, tinha mexido com eles e justamente na caixinha da cultura, dos costumes etc.

Ainda nesta aula perguntei a eles o que achavam sobre usar roupas coloridas e turbante, pois percebi que alguns faziam crítica ao costume. A aluna que havia perguntado me disse: *Eu acho legal Professora, mas nunca vi a senhora com turbante quando lê para nós os contos.*

O docente precisa participar de formação continuada e/ou outros cursos que o leve a conhecer consistentemente a História da África e a cultura africana, pois não há como ensinar o que não se tem conhecimento. O educador também tem que buscar estratégias didáticas que viabilizem o ensino aprendizagem e que otimizem o tempo para tais aplicações.

O trabalho esbarra em diversos fatores que inviabilizam o ensino, como o racismo, a religiosidade e a resistência para o que é diferente. Portanto, cabe ao educador desenvolver outros papéis, os quais o permita alcançar seus objetivos com eficácia.

Na escola os educadores trabalham como pais, pois ajudam a reprimir falhas advindas dos lares, ocupam diversos papéis, auxiliam a superarem os preconceitos, contribuindo assim para criar e conservar uma atmosfera de igualdade e respeito em sua sala de aula e fora dela.

Então no dia seguinte ousamos um pouco ao nos apresentar na aula. Nos caracterizamos de forma a chamar a atenção, pois uma de nossas maiores preocupações era a de como chamar a atenção, para que nossa intervenção seguisse, mesmo com as dificuldades encontradas. A aula rendeu, pois comentaram muito e um deles disse que havia pesquisado sobre e que não era “modinha” e sim que os turbantes simbolizavam os pensamentos e a fé do divino. Após alguns comentários, pedi aos alunos para os alunos pesquisarem no Portal da Cultura Afro-brasileira, para que pudessem aprender mais sobre o assunto.

O Aluno Marcos Paulo neste momento nos surpreendeu, disse: *Professora, eu gosto de mexer com aplicativos e fazer bonecos, fiz uma animação sobre o Conto que estamos lendo. Posso postar para a senhora ver se dá para mostrar na próxima aula? Confesso que me pegou de surpresa e falei: Manda no meu privado e depois conversamos.* O Aluno apareceu em minha casa com um pen drive, pois disse que o arquivo era grande demais para mandar no Whats. *Fiquei maravilhada ao ver a produção dele.*

Figura 14 - Imagem do vídeo sobre o conto O dia em que explodiu Mabata- bata



Elaborado pela autora

Figura 15 - Imagem do vídeo sobre o conto O dia em que explodiu Mabata- bata



Elaborado pela autora

Figura 16 - Imagem do vídeo sobre o conto O dia em que explodiu Mabata- bata



Elaborado pela autora

Figura 17 - Imagem do vídeo sobre o conto O dia em que explodiu Mabata- bata



Elaborado pela autora

Figura 18 - Imagem do vídeo sobre o conto O dia em que explodiu Mabata- bata

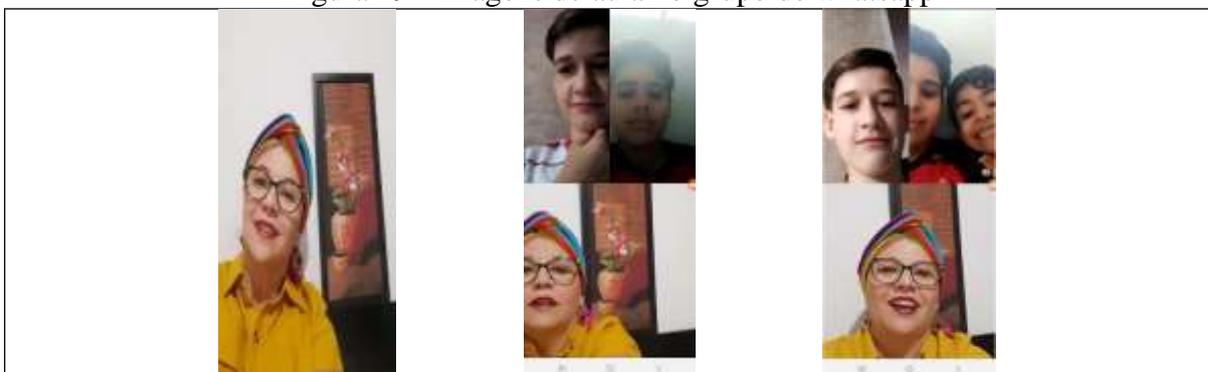


Elaborado pela autora

Na aula seguinte usamos o vídeo que amaram, a aula mudou daquele dia mudou completamente, pois o aluno nos dava dicas de como confeccionar os personagens, dizia que cada movimento era individual e que era bastante difícil, mas que era o que ele gostava de fazer. Alguns dias depois, comecei a pensar na possibilidade de transformar aquela maravilha em produto final, já que a primeira opção: fazer um vídeo com os alunos, não poderia acontecer, por causa da Pandemia. Portanto após conversar com minha orientadora Vera lúcia da Rocha Maquêa, começamos a colocar em prática a ideia.

Os objetivos não ficaram comprometidos, pois devemos levar em consideração que os alunos estavam atentos ao que lhes era proposto.

Figura 19 - Imagens de aula no grupo de whatsapp



Elaborada pela autor

Segundo Colomer (2007),

Culturas se formam, se encontram e se modificam. Nesse espaço, o leitor de literatura competente e bem formado pode vir a engajar-se em debates diversos e relevantes sobre culturas, ideias e valores, através da sua fruição dos textos literários. Assim, ele não apenas desenvolveria sua capacidade interpretativa e posicionamento crítico como sujeito, como também se prepararia melhor para as realidades variadas que poderia encontrar ao longo de sua vida. (COLOMER, 2007, p. 29).

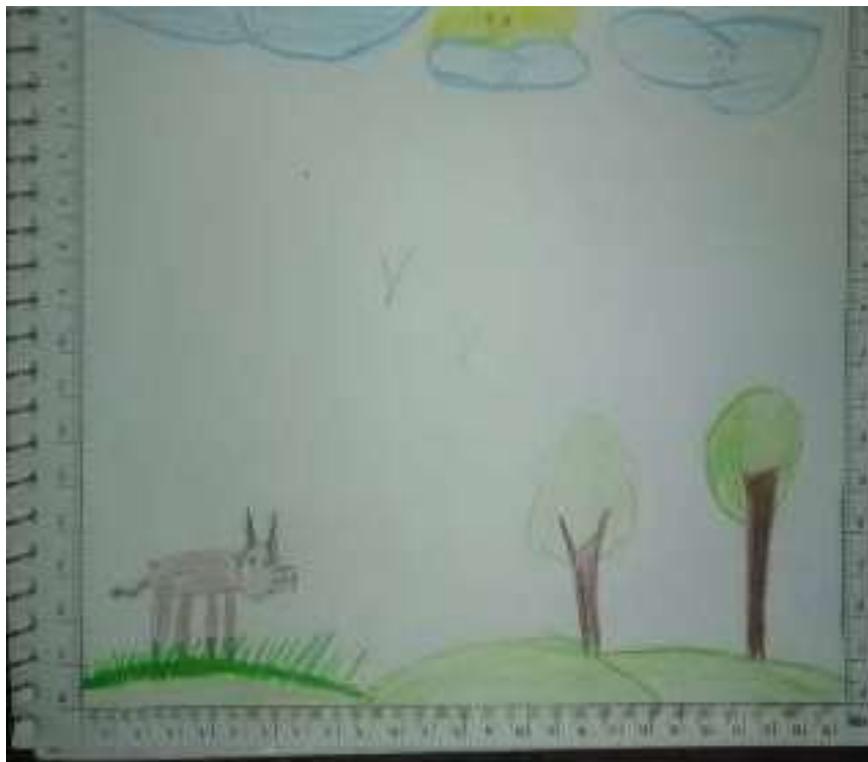
Dessa maneira tal leitor inevitavelmente desenvolve um repertório cultural mais complexo, que possibilita sua formação como sujeito de modo mais amplo e amadurecido.

Para a execução dessa atividade foram realizadas várias leituras com a turma para que os alunos pudessem expor suas impressões, suas alegrias e tristezas, seus pontos de vista, suas dificuldades, enfim, o máximo daquilo que a leitura do texto lhes proporcionou, a fim de que as experiências com a leitura do conto não ficasse restrita ao universo particular de cada leitor, mas que possa ser compartilhada e ampliada. Durante a realização dessa leitura, foi importante procurar ao máximo fazer aparecer a voz dos leitores. Isso não significa que se pretende

estacionar junto dos alunos em suas impressões e experiências iniciais, em sua identificação mais pessoal com a obra, mas também provocar reflexões sobre como contribuir para que os alunos avancem um pouco mais e ampliem suas experiências por meio de novas interações com o texto e com os demais leitores à sua volta.

Ao final da atividade, pedimos aos alunos que fizessem um registro sobre o conto, que poderia ser em forma de ilustração ou de um pequeno texto, dependendo das possibilidades de cada um.

Figura 20 - Desenho realizado após leitura do conto O dia em que explodiu Mabata-bata de Mia Couto



Elaborada pela autora

Esta atividade teve por objetivo despertá-los quanto aquilo que imaginavam ao ler o conto, trabalhando, na prática, as partes que o compõem, desenvolver a espontaneidade e a criatividade por meio do desenho ou escrita.

Os elementos narrativos e os elementos plásticos em uma ilustração podem sugerir desde elementos narrativos até modos de comportamento e atitudes. Em um desenho a ilustração tem várias funções. Através dela é possível também entender e analisar as ideias produzidas. Não se pode esquecer que o desenho proposto deve compartilhar algo com a criança, não somente ensinar ou explicar algo.

A metodologia usada foi desenhar. Falei-lhes sobre a importância de refletir sobre o

conto lido, lembrar de cada detalhe para que assim, pudéssemos ser minuciosos, tanto ao escrever como ao desenhar. Nesta atividade observei que as três atividades tinham algo em comum, o boi e as árvores e que esses dois elementos haviam ficado registrado nos alunos. Quando mandaram as imagens perguntei-lhes o porquê do boi e as árvores. Um deles falou que quando leu a parte onde o tio falava para Azarias vir que não iria ser castigado por isso, ele só conseguia ver as árvores e o Azarias fugindo para elas como refúgio. Percebi então que a intervenção estava, mesmo que aos poucos, com muitas dificuldades remotas, causando efeitos neles.

Para tanto, um texto não pode ser compreendido como algo pronto e acabado, pelo contrário, deve ser entendido como uma estrutura em reflexão, com lacunas, e que necessita que alguém o complete e atribua um caráter significativo.

Figura 21 - Desenho realizado após leitura do conto O dia em que explodiu Mabata-bata de Mia Couto



Elaborada pela autora

Neste desenho um aluno falava para os outros que estavam na aula que o Azarias era espancado, não podia frequentar a escola e pensou em fugir de casa quando viu o boi Mabata-Bata explodindo. Temendo a surra pela falta do boi no rebanho, Azarias se esconde. Um soldado avisou à família que a explosão que ocorreu foi provocada por uma mina subterrânea. Raul e a Vó Carolina saem em busca do menino, mas Azarias pisa em outra mina

e morre. Um outro aluno discordou, disse que não, que pela leitura do conto não dava para saber se era o Azarias que havia morrido.

Esta atividade de desenhar foi baseada, conforme dito anteriormente: Eles tinham que escolher um fato da história que aconteceu com as personagens, no lugar e no tempo escolhidos e produzir um desenho. E assim eles fizeram.

Percebeu-se então, que cada um dos alunos entendeu o conto de uma maneira, que desenharam conforme o entendimento. O desenho nos permitiu explorar o aluno a partir da obtenção das projeções (expressão de sentimentos, pensamentos, afetos e demais características referentes à relação e a aprendizagem).

Figura 22 - Desenho realizado após leitura do conto O dia em que explodiu Mabata-bata de Mia Couto



Elaborada pela autora

Sétima etapa (2 horas-aula)

Nesta etapa, tivemos sérias dificuldades com o processo de entrega das atividades escritas aos alunos. Alguns participavam muito bem das aulas, porém mesmo sendo comunicados de que as atividades já se encontravam na escola, não buscavam, portanto novamente nossa intervenção atrasava do cronograma.

Na próxima aula coloquei para eles que, seria impossível termos uma aula produtiva se aqueles que haviam buscado as atividades, não as fizessem. Foi preciso certa insistência, pois alguns mostravam falta de vontade de ler.

Após solucionado o problema da entrega das atividades, os alunos realizaram uma pesquisa na internet sobre livros que traziam contos africanos, solicitamos que se reúnissem em duplas por chamada de vídeo e apresentassem ao outro colega os contos que haviam pesquisado para depois, em outro momento, fosse feita outra chamada de vídeo, onde cada dupla apresentasse para as demais o conto pesquisado. Comentando os aspectos principais da narrativa e os elementos da cultura e da paisagem africana que conseguiram perceber, como: fauna, flora, rios, músicas e religiões.

Oitava etapa (4 horas-aula)

Esta fase foi de escrita e compreensão dos contos com a temática das questões da etapa 6. O professor enfatizou uma característica própria da cultura africana/afro-brasileira, que é a força da oralidade. pedimos um registro mais concreto das atividades desenvolvidas a partir dos contos africanos, isso proporcionou que os alunos escrevessem sobre os contos, quais os aspectos principais da narrativa e os elementos da cultura e da paisagem africana que conseguiram perceber por meio dos contos. Para esse trabalho, foi preciso que o aluno lesse o livro todo previamente, selecionasse as partes que julgou mais interessantes, de modo que puderam construir o sentido da atividade, já que o conto de Mia Couto, por seu caráter inventivo, oferece grandes desafios a eles. Foi interessante trabalhar a linguagem utilizada pelo autor e, nesse sentido, explorar um pouco o tema das línguas faladas em Moçambique. Apesar de o idioma oficial desse país ser o português, há outras línguas faladas pela população, que influenciam, inclusive, o vocabulário do livro. Além disso, assim como o português do Brasil, o português de Moçambique tem características únicas, então provocamos nos alunos a reflexão sobre a ancestralidade africana a partir da narrativa apresentada e sobre a reflexão de traços físicos herdados dessa cultura, sobretudo o tom da pele. Destacamos que mesmo as pessoas brancas possuem tons variados de pele. Essa atividade é uma estratégia para suscitar a reflexão sobre a própria identidade e as possíveis marcas de ancestralidade africana representada na cor da pele de muitos brasileiros.

E fundamental que o estudante dialogue com o texto que se coloca à frente dele. Esse diálogo diz respeito ao texto como um todo: seu contexto de produção, seu gênero discursivo, para quem foi escrito, entre outros aspectos que permitem ao estudante fazer a conexão entre seu repertório de mundo e a leitura.

Figura 23 - Entrega de atividades na Escola Municipal 03 de Maio



Elaborada pela autora

No período em que desenvolvemos a intervenção, passamos por vários desafios. Sempre que íamos até a escola para entregar atividades, encontrávamos a escola literalmente vazia. Isso nos fez refletir muito sobre o quão importante seria naquele momento a nossa intervenção para aquele grupo de alunos. Quando a secretária vinha nos atender, sempre comentava da solidão e da falta de vida naquele espaço escolar que trabalhávamos.

Figura 24 - Atividades dos alunos da Escola Municipal 03 de Maio

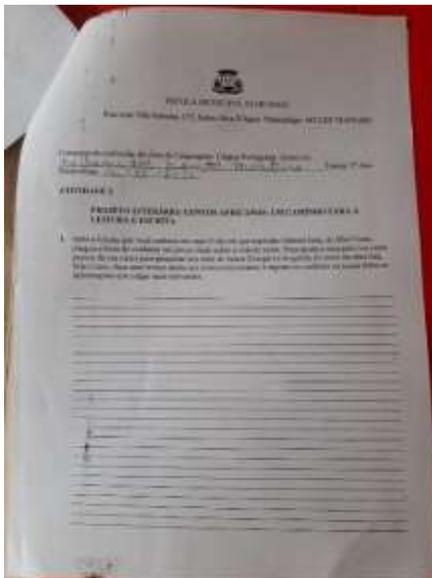


Elaborada pela autora

Quando era pedido uma atividade, logo algum aluno colocava no grupo: *Professora Silvia, pode ir pegar a minha atividade na escola, fiz rapidinho*. Geralmente, dava um tempo

limite para que todos pudessem fazer com calma e entregar na data. As atividades muitas vezes não correspondiam com a proposta, porém estava dentro do contexto e depois no grupo dávamos continuidade, assim conseguíamos chegar ao proposto.

Figura 25 - Atividades dos alunos da Escola Municipal 03 de Maio



Elaborada pela autora

Cada vez que íamos até a escola pegar as atividades dos alunos que faziam parte do grupo de intervenção, confesso enquanto professora que em alguns momentos nos desanimávamos, pois alguns alunos simplesmente colocavam o nome e entregavam. Esse tipo de desconforto sempre passava quando nos reuníamos no grupo do whatsapp, pois era lá que o aluno falava, comentava e interagia com a atividade. Por vezes cobrava deles a escrita das atividades e tinha como resposta que não tinham tempo e que no grupo gostavam mais, que quando um colega falava, o outro lembrava de algo e assim se tornava mais gostoso estudar.

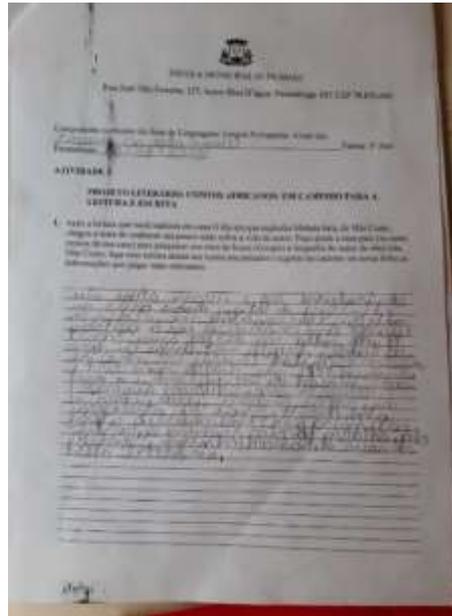
Uma das prioridades da escola é oportunizar aos alunos o aprendizado da leitura e da escrita, valorizando-as igualmente, pois ambas estão interligadas. Logo, deve propiciar todos os instrumentos e condições para que a criança tenha um contato positivo com as ferramentas, colocando à sua disposição todos os meios.

Portanto, Zilberman enfatiza:

As interfaces da leitura trabalhadas na escola estão sempre relacionadas à busca de informações e possuem, portanto, natureza funcional. A leitura ficcional que poderia ser fonte geradora de prazer para os estudantes, ao contrário, acaba se tornando um exercício coercitivo, evidenciando o autoritarismo e a extemporaneidade presentes em grande parte dos sistemas escolares. Zilberman (1994, p.19).

Embasada por Zilberman, pude trabalhar a fruição das atividades e das aulas, mas também tive que cuidar dos modos de produção da leitura e da maneira pela qual os alunos se construíam, deixando de lado o pedagogismo exagerado, observado em grande parte das atividades didáticas formais. E isso se tornou possível.

Figura 26 - Atividades dos alunos da Escola Municipal 03 de Maio

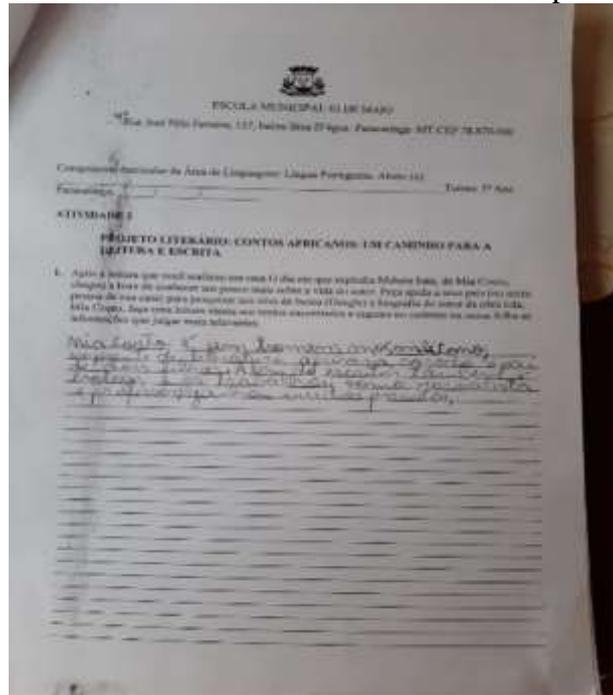


Elaborada pela autor

Nesta atividade o aluno foi provocado a escrever sobre o autor. Portanto devemos levar em conta que o mais importante é o aluno vivenciar a busca exercitar as várias possibilidades de resposta. Afinal, esse é o exercício que conduz à aprendizagem significativa. É necessário fazer e aprender, problematizando o conteúdo, tornando-o interessante e não tirar o sabor da descoberta dando respostas prontas.

Percebemos que a aluna traz os elementos necessários para a compreensão da vida do autor, situando o leitor, porém também percebe-se que ela não conseguiu escrever sobre ele sem copiar. No entanto, o fato de apenas apresentar uma cópia do que leu, faz com que sua resposta apresente lacunas que no decorrer das aulas deverão ser trabalhadas. Além disso, como percebemos na situação inicial, quando a aluna escreve, mostra muita dificuldade em escrever.

Figura 27 - Atividades dos alunos da Escola Municipal 03 de Maio



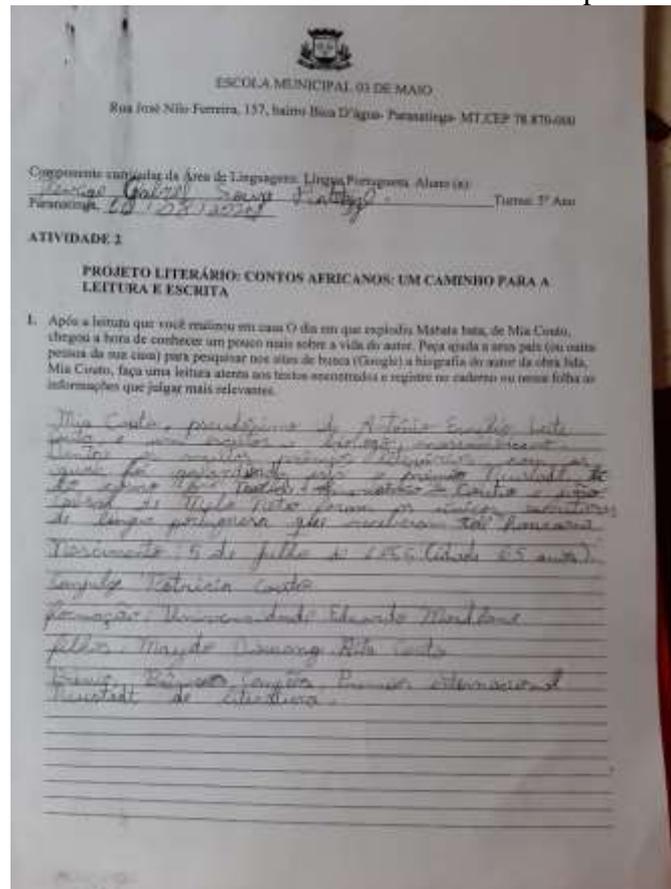
Elaborada pela autora

A pesquisa em sala de aula pode se tornar uma grande aliada ao processo de ensino e aprendizagem no Ensino Fundamental. Esta deve ser uma postura do professor, pois, segundo Freire (2001): Não existe pesquisa sem ensino e nem ensino sem pesquisa. Desde o início da escolarização, deve-se focalizar na importância da pesquisa para a construção do conhecimento do aluno com uma formação crítica, criativa e inovadora.

A realidade, na maioria das vezes encontrada é a de que no momento em que o aluno se depara com a pesquisa escolar, se vê frente a uma situação conflituosa e, muitas vezes por falta de orientação, sem saber como fazer e onde encontrar materiais sobre a atividade proposta, simplesmente deixa de fazer ou apresenta cópias fiéis, apenas para entregar no tempo exigido. Daí a importância da pesquisa já nas séries iniciais do Ensino Fundamental, esta deve ser bem simples, mas que não dispensa a ajuda do professor no sentido de mostrar aos alunos como se faz o trabalho, ou seja, mostrar o caminho a ser seguido.

Cumprindo a primeira parte do objetivo desta atividade, que era buscar e analisar a biografia do autor da obra lida, articulamos que buscassem mais critérios e reflexão sobre a pesquisa, foram criadas situações que tinham como meta promover a curiosidade, o levantamento de hipóteses acerca do autor a ser pesquisado.

Figura 28 - Atividades dos alunos da Escola Municipal 03 de Maio

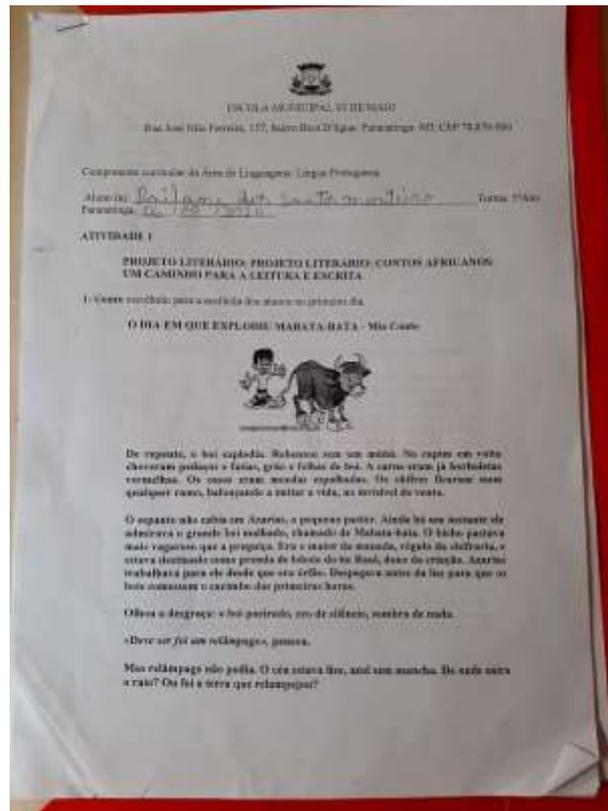


Elaborada pela autora

A aplicação da atividade, evidencia claramente o interesse e saber diferenciado de cada aluno a partir da atividade, mas evidenciou limitações do grupo para a resolução de algumas atividades, como as que envolviam cobrança de reflexão. Alguns alunos necessitaram de auxílio para compreender a biografia consultada, já outros como este da atividade acima, mostra de forma separada as características do autor. Portanto, inicialmente, nem todos compreenderam a dinâmica da atividade, o que levou alguns a desistirem e somente escreverem algo para preenchimento, porém usaram a persistência frente aos desafios, um dos pontos que me chamou a atenção.

Mediante as condições de produção remota o aluno assumiu a responsabilidade de realizar o que lhe era proposto. Tornou-se também necessário preparar o aluno para que adotasse um comportamento em que a pesquisa deixasse de ser eventual e passasse a fazer parte da vida dele, despertando-lhe prazer e desejo em pesquisar.

Figura 30 - Atividades de leitura dos alunos da Escola Municipal 03 de Maio



Elaborada pela autora

No Conto, os sujeitos trazem elementos importantes da narrativa, como a demarcação do herói, do vilão, de personagens auxiliares, a descrição do conflito e o apontamento do espaço e do tempo. Esses apontamentos podem evidenciar o início de uma modificação na forma de perceber os elementos do texto. Como exemplo, O vilão Tio Raul.

O fato de apresentar outros personagens sem ter um propósito para isso demonstra que o aluno não percebeu ou não compreendeu ainda como os personagens se desenrolam na narrativa. Esse procedimento foi observado nos três sujeitos do texto. Além disso, parece-nos que o fato de ter como uma das regras da atividade a utilização dos personagens já pré-estabelecidos, fez com que os sujeitos não se importassem em contar uma história coerente e sim utilizar todos os nomes selecionados para construção da narrativa. Diante do exposto, torna-se necessário, através da mediação, auxiliar os alunos a perceberem como os personagens se configuram na trama, como a ação se desenvolve, quais são os danos causados pelo vilão, como os personagens se modificam, entre outros elementos ligados à ação na narrativa. Além disso, é preciso considerar que os sujeitos podem não estar familiarizados com a proposta da atividade, ou seja, com o uso de roteiros para a produção de textos e isso tenha influenciado na qualidade das produções.

Ao término da atividade, perguntei aos alunos se conheciam alguma história em que

apareciam animais. Aleatoriamente, os alunos responderam: Os três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho e O gato de Botas. As crianças comentaram na aula online que essas personagens eram animais e não sofreram como Azarias, porém sofreram como o boi. A seguir, indaguei se a turma conhecia alguma história na qual o personagem principal passa por algum problema levando-o, a não frequentar a escola. Apenas uma aluna respondeu: “A Cinderela, acho que a madrasta não deixava estudar”. Diante da resposta, solicitei que a aluna contasse aos demais colegas a história, para que pudessem compreender. A aluna fez um relato bem fragmentando da história: —a Cinderela morava no castelo, —o pai dela tinha morrido. Os outros colegas, ao ouvirem a aluna, falaram que mesmo assim a Cinderela teve um final feliz, porém o Azarias, além de não estudar morreu.

Além desses aspectos, é importante destacar que durante a atividade estabeleceu-se na aula remota uma relação afetiva entre os colegas e a professora. Os sujeitos partilhavam suas concepções sobre a leitura, respeitando e acolhendo as opiniões distintas entre os colegas.

Percebemos então que, apesar dos alunos não expressarem pela escrita o que entenderam do conto, descreviam com detalhes os fatos ocorridos na história. Suas ideias sucintas em muitas vezes, nos fizeram compreender o papel que o personagem desempenha através de uma palavra ou até mesmo através da ação. Entretanto, apesar das respostas sucintas, observamos que os alunos construíram uma reflexão organizada e coerente do conto.

A partir desse diagnóstico, continuamos focando atividades para promoção da leitura por meio de estratégias diversificadas, capazes de contemplar as lacunas até aqui observadas em cada etapa das atividades.

Figura 31 - Atividades de leitura dos alunos da Escola Municipal 03 de Maio



Elaborada pela autora

Esta atividade teve por objetivo iniciá-los na interpretação da leitura e escrita, trabalhando, na prática, as partes que mais lhe chamaram a atenção, e a criatividade por meio de um questionário com duas questões simples. A metodologia usada foi atividade impressa, entregue na escola. Falei-lhes durante uma aula, que deveriam retornar ao conto, lê-lo novamente, para depois responder. Para motivá-los, falei-lhes sobre Azarias, que tinha um sonho que, talvez para nós era uma realidade. Fui citando passagens do texto e chamando a atenção para os detalhes, para as características. Mostrando que apesar de os elementos serem os mesmos, podiam ser diferentes do nosso contexto. Que as personagens podem ter além das características físicas, as psicológicas. Que o tempo pode vir carregado de significados e que os fatos podem ser ricos em detalhes. Falei também que são esses detalhes que enriquecem as narrativas, que ao escrever o autor não pode deixá-los de lado.

Dessa atividade, pudemos evidenciar as diversas formas de interpretar de um leitor e que a subjetividade nas respostas são apresentadas à medida que a leitura avança, o leitor pode se identificar com um tipo ou outro de situação vivida, com um tipo ou outro de leitor que surge na obra, e quem sabe projetar-se e ser modificado com a obra.

O conto "O dia em que explodiu Mabata-bata", de Mia Couto coloca em evidência a criança e a força da guerra, um diante do outro, para culminar na pulverização da infância. Quando perguntamos o que aprendeu? o aluno responde: "Que devemos ir para a escola". Percebemos na resposta dessa aluna que ir para a escola estava ao seu alcance, que mesmo diante de todas as dificuldades que podia viver em seu cotidiano, era um direito concedido. Que

conseguiu encher, através do conto lido e que era tirado daquela personagem.

Enquanto professores da Escola Municipal 03 de Maio, conhecemos um pouco a realidade da comunidade escolar, portanto a resposta da aluna nos leva a perceber que a leitura forçou-a a fazer comparações entre o seu mundo, o seu modo de viver e da personagem. Portanto a atividade de um modo subjetivo mexia com cada aluno.

Na Questão: O que não gostou? A aluna respondeu: “ O tio dele maltratar.” Vemos nessa atividade que a aluna percebe que o menino Azarias era pastor de gado, órfão, que vivia uma rotina de exploração no trabalho pelo tio Raul e a avó Carolina, que a nova família de Azarias não o recebia sem grandes ressalvas. Sem escola ou lazer, a criança somente trabalhava.

A aluna ainda apresenta o problema ocorrido com o personagem , queria estudar e aponta o tio como personagem que impedia isso. Mesmo que não esteja explícita no texto a função do tio, a aluna responde a questão demonstrando compreensão acerca dos papéis designados aos personagens. Apesar de sucinta, a resposta da aluna mostra que houve avanços não apenas por responder, mas por refletir a trama do conto. Na produção dos alunos, observamos avanços significativos. Além de todas as respostas, em virtude das condições de produção, apresentarem os constituintes fundamentais da narrativa, os sujeitos, de modo geral, caracterizaram, mesmo que brevemente a articulação da ação dos personagens na história.

A arte de nos encantarmos através das palavras com o pensamento do homem em diferentes tempos fez da literatura um reduto de conhecimento e prazer inigualáveis. Segundo Petit (2013, p.49), “a leitura, e mais precisamente a leitura de obras literárias nos introduzem também em um tempo próprio, distante da agitação cotidiana, em que a fantasia tem livre curso e permite imaginar outras possibilidades [...] pois sem sonho, sem fantasia, não há pensamento nem criatividade”.

Observamos nesse momento que os alunos estão transferindo os conhecimentos que vêm adquirindo durante as atividades. No entanto, é importante ainda investir em exercícios, durante as próximas mediações, que auxiliem os alunos. Portanto, observando o conto estudado, decidimos enfatizar novamente o protagonista, observando seus papéis, características e trajetória ao longo do enredo.

Em geral, a família é considerada o fundamento básico e universal das sociedades, embora variem suas estruturas e funcionamento. A família tem, portanto, grande responsabilidade no processo de socialização da criança. Escola e família são importantes na formação do indivíduo. Nessa resposta observamos que a estrutura familiar se encontra abalada diante de tantas mudanças na sociedade contemporânea, que muitos alunos vivem com parente, sendo eles tios, avós ou irmãos para que possam estudar, porém que nem sempre isso se dá de

uma maneira correta, que a resposta pode ser lida nas entrelinhas que alguém pede socorro de alguma forma. Que os valores institucionais da família e a interação determina o papel principal, oferecer valores ao indivíduo para que este viva em sociedade.

O último parágrafo do conto parece amenizar a crueza da história descrita, mas não paga o horizonte do desencantamento do mundo. A criança abraçou a ave de fogo em sua viagem. Para Azarias não houve possibilidade de salvação ou escolha.

Figura 32 - Atividades de leitura dos alunos da Escola Municipal 03 de Maio



Elaborada pela autora

O narrador sugere que a morte do animal traria para o tio maior transtorno do que preocupação com a segurança da criança andando através de terrenos cravejados por minas subterrâneas.

Fugir é morrer de um lugar e ele, com os seus calções rotos, um saco velho a tiracolo, que saudade deixava? Maus-tratos, atrás dos bois. Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não, não era filho. O serviço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro dele já não havia resto de infância (COUTO, 2013, p. 43).

A guerra desafia a possibilidade de sublimação do homem, pois o atinge nas camadas mais profundas: devastando um mundo conhecido, destruindo campos, casas, templos, ferindo e matando tudo aquilo que reconhecemos como vida. Embora o conto de Mia Couto seja atravessado pela imagem do ndlati, a fé ingênua e o mito não possibilitam qualquer imagem de integração no desfecho da narrativa, o que configura um cenário de desencantamento frente ao mundo.

Nona etapa (10 horas-aula)

Nesta etapa aconteceu a leitura da escrita de tudo o que foi proposto aos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I da Escola 03 de Maio e seu aprimoramento. Observamos também, alguns aspectos quanto aos objetivos pretendidos, deixando claro para os alunos que deveriam refletir e pensar em elementos que encantam o leitor.

Aqui, novamente a aluna fala da vontade que Azarias tinha de estudar. Ela menciona o vídeo feito pelo colega e fala que a parte que mais gostou foi quando Azarias faz o pedido ao tio.

Figura 33 - Imagem do vídeo sobre o conto O dia em que explodiu Mabata- bata



Elaborado pela autora

Aqui tivemos a resposta que buscávamos, pois, além da aluna ter percebido a sua inquietação no vídeo, o aluno que produziu disse: *Professora, acho que o tio Raul estava mentindo, ainda bem que Azarias morreu e não sofreu novamente.* Em certos momentos, talvez pela situação pandêmica, tínhamos que disfarçar a vontade de deixar a emoção tomar conta, pois percebíamos que aqueles alunos, de certa forma não seriam mais os mesmos.

Sabíamos que algumas mudanças já haviam acontecido quanto ao projeto, pois nem tudo havia acontecido como havíamos planejado, porém os alunos estavam afetados pela leitura e isso era muito gratificante.

Décima etapa (10 horas-aula)

Nesta etapa em que finalizávamos o projeto, tivemos que fazer alterações quanto ao nosso produto final. A princípio faríamos a divulgação de um e-book no blog da escola e apresentação dos contos em um evento da escola (Noite Cultural ou Projeto Leitura), porém dadas as condições, em período de pandemia, alteramos esse produto final para um vídeo.

Quando decidimos que seria um vídeo, não imaginávamos que os alunos fossem interagir tanto. Os oito alunos (as), após assistirem, participaram das aulas com muito mais entusiasmo, queriam aprender a produzir outros vídeos, falavam que já haviam baixado aplicativos para esse tipo de produção, porém sem êxito e que agora queriam aprender.

Essa atividade significativa para os alunos surgiu no momento que era proposto o e-book e talvez, eu ansiosa com a intervenção, falei da possibilidade de fazer um vídeo, já que havia percebido que alguns não haviam se empenhado muito nas atividades e gostaria de vê-los produzindo de outra maneira. Na verdade, era uma forma de instigar aqueles que haviam somente assistido as aulas e não participado.

Todorov (2009, p. 23-24) também explicita seu posicionamento sobre o poder que essa atividade possui, ressaltando:

Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de inserção com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. [...] Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

Essa atividade foi muito prazerosa para os alunos, por terem a oportunidade de sair do local em que moravam e perceber que a aula acontece fora da sala também e que a interação deve ser mútua. Durante a conversa, a empolgação tomou conta dos alunos, pois conseguiam opinar e já visualizar os acontecimentos mais importantes do conto, enriquecendo mais ainda a ideia e a partir desta experiência, surge uma nova proposta, a de fazermos o vídeo sobre o conto.

A gravação do vídeo sobre o conto O dia em que explodiu Mabata bata, gerou muito trabalho e atenção, pois tivemos que pedir autorização para os pais e também oferecer a locomoção dos alunos até o local onde seriam gravadas as cenas.

Todo o processo foi realizado de forma que decorresse interação e colaboração entre professor, alunos, pais e gestão, para que assim os alunos percebessem a socialização do que aprenderam, visando promover o envolvimento de todos.

3.1 Cronograma do desenvolvimento da intervenção

DIA/MÊS ANO	CARGA HORÁRIA	OBJETIVO	ATIVIDADE	OBS
Março 2020 23	4 horas-aula	1. Mostrar o Projeto para a coordenação, direção e professores.	Apresentação da proposta e explicações sobre o trabalho que foi desenvolvido. Nessa apresentação falamos do PROFLETRAS, de como seria a intervenção e quais metodologias seriam usadas no desenvolvimento da proposta.	1ª Etapa
30		2. Apresentação remota da proposta do projeto aos alunos; (1 horas-aula) 3. Conhecimentos sobre os contos (1 horas-aula)	Por chamada de video, foi apresentada a proposta de intervenção aos alunos. Informações sobre o gênero conto. Questionário de investigação sobre os contos. Socializar respostas do questionário.	
Abril/ 2020	04 horas-aula	1. Assistir o vídeo: MIA Couto e Moçambique. Disponível em: Acesso em: Acesso em: http://www.youtube.com/watch?v=M7RfmnPaAc&feature=related 22 jul. 2011.	Informações sobre Moçambique. Informações sobre Mia Couto.	2ª Etapa
13		1. Pesquisar sobre o conto africano; O dia em que explodiu Mabata Bata, entre outros. (1 hora-aula)	Pesquisar em sites sobre o conto africano; Leitura e análise do conto.	3ª Etapa

20		2. Pesquisar sobre os contos apresentados, para a escolha da leitura da próxima aula. (1 hora-aula)	Em casa, como atividade extraclasse, deverão pesquisar sobre os contos apresentados.	
Maio/ 2020				
04		1. leitura individual contos africanos. (1 hora-aula)	Em sala de aula, levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o que eles acham que aparece nas histórias dos contos africanos.	4ª Etapa
11	22	2. fazer um levantamento de quais contos africanos os alunos já viram ou ouviram. (1 horas-aula)	Enfatizar que a história do brasileiro passa pela história dos povos africanos que auxiliaram na criação da nossa brasilidade.	
18	horas-aula	1. Selecionar os textos que farão parte da coletânea de contos africanos (1 horas-aula)	Discutir sobre a diversidade da literatura com foco na literatura dos contos Africanos: O dia em que explodiu Mabata-bata, As mãos dos pretos, Dragão e eu, A lebre, o lobo, o menino e o Homem do pote, Por que os cães se cheiram uns aos outros, Nós choramos pelo cão e Zito Makoa, da 4ª classe , entre outros.	5ª Etapa

25		1. Fazer a leitura do conto africano: O dia em que explodiu Mabata Bata (1 horas-aula)	<p>Discutir o texto com os alunos, levando-os a perceber todo o desenrolar do enredo.</p> <p>Momento para reflexão sobre injustiças existentes na sociedade.</p> <p>Compartilhar sugestões para melhorar a convivência na sociedade.</p>	
27		Questionamentos sobre o Conto, através da reflexão dos alunos.	<p>como era a vida do pequeno Azarias?</p> <p>Será que o pequeno Azarias tinha consciência da situação em que vivia?</p> <p>Com que olhar o pequeno pastor via os fatos que ocorriam em seu redor e, sobretudo, como viu a misteriosa morte do Mabatabata?</p> <p>Que idéia Raul tinha do sobrinho? E por que o tratava de forma tão desumana?</p>	6ª Etapa
		<p>1. Pesquisar no Laboratório de Informática ou na internet livros que tragam contos africanos; (1 horas-aula)</p> <p>2. Pedir que se forme uma grande roda e que cada dupla escolha um conto e o apresente para as demais duplas; (1 horas- aula)</p>	<p>Pesquisa no Laboratório de Informática.</p> <p>Comentar os aspectos principais da narrativa e os elementos da cultura e da paisagem africana que conseguem perceber, como: fauna, flora, rios, músicas, religiões, etc.</p>	7ª Etapa
		1. Escrita dos contos com a temática das questões propostas; (4 horas- aula)	Registro mais concreto das atividades desenvolvidas a partir dos contos africanos.	8ª Etapa

		Suscitar nos alunos a reflexão sobre a ancestralidade africana a partir da narrativa apresentada.	fazer o contorno de suas mãos sobre o papel, já fixado na parede e pintar com a cor que preferir.	
		1. Pesquisar como elaborar um e-book. (2 horas-aula)	Pesquisa	9 ^a Etapa

<p>Junho/ 2020</p> <p>06</p> <p>13</p> <p>20</p>	<p>08 horas/ aula</p>	<p>1. Realizar oficina para a elaboração do e-book; (4 horas-aula)</p> <p>2. Promover a divulgação do livro. (4 horas-aula)</p>	<p>Nesta etapa realizaremos oficinas para a confecção do livro, veremos a possibilidade de trazer um profissional para dar algumas orientações práticas aos alunos de como deve ser a encadernação. Durante todo o desenvolvimento das atividades, o professor deve avaliar se os alunos conseguiram compreender os contos africanos e sua importância para a cultura brasileira. Para isso, deve observar e analisar as respostas dos alunos para as questões propostas, assim como as colocações e os comentários que fizeram acerca dos contos africanos trabalhados em sala de aula. Ao longo da oficina faremos rodas de conversar para avaliarmos as atividades que serão realizadas em duplas, no entanto, todo o processo será realizado de forma interativa e colaborativa com as demais duplas, de forma a promover a inclusão daqueles que tem menos habilidade com o processo.</p> <p>Para finalizarmos o projeto faremos a divulgação dos livros em um evento da escola e disponibilizaremos no blog e face da escola da escola.</p>	<p>10ª Etapa</p>
<p style="text-align: center;">OBSERVAÇÃO:</p> <p>A previsão é desenvolver o Projeto de Intervenção em 40 horas-aula, distribuídas em 10 etapas. Este tempo e etapas poderão ser revistos e alterados no decorrer das atividades.</p>				

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar à conclusão da nossa Dissertação nos faz refletir que apenas começamos algo que pode colaborar muito com a educação. Que, por mais que durante o período de estudos e de intervenção nos levaram a grandes leituras, temos, ainda, muito a aprender. Não acaba aqui a nossa pesquisa, nem as reflexões sobre a nossa prática para mudar a situação da falta de leitura na escola, que nossa preocupação aumentou, ainda mais ao fato de nosso aluno não ler.

Trabalhar com contos africanos na leitura e na escrita não foi nada fácil, o processo exigiu muita reflexão, pois devido a pandemia as mudanças foram intensas, passamos nossa intervenção de presencial para remota.

O objetivo foi ressaltar a importância dos contos, orais e escritos, africanos e afro-brasileiros, como alternativa de leitura em tempos remotos, destacando-os como marcas das experiências humanas de um povo ao longo dos tempos.

Nos intrigava saber que muitos alunos não se preocupavam com o ato de ler, entender e por em prática. Percebia que alguns não se importavam, ou não tinham o hábito de ler e ao mesmo tempo, trazer a leitura para sua realidade. Em muitos momentos percebeu-se que alguns alunos sentiam na pele, aquilo que a leitura lhes apresentava, que a escola é um dos principais dispositivos para formar leitores, todos nós sabemos. E que se forma leitores por meio da circulação e das vivências de práticas sociais de leitura dentro da escola, muita gente já sabe, dado o fato de que essa é uma informação que está cada vez mais presente nas formações de professores e nas discussões em torno do assunto da leitura.

Que a formação de leitores autônomos, tomando por base o conceito amplificado do ato de ler, passa a ser ativo e conseqüentemente se transforma num início de significações e implicações que vão sendo descobertas a cada leitura, ou seja, leitores que não apenas entendem o que leem, mas conseguem fazer relações com outros textos lidos e exprimem opiniões sobre o que leram e trocam ideias com outros leitores.

Que as práticas sociais de leitura tão necessárias para a formação de leitores nem sempre circulam pelas escolas também é algo que se sabe, principalmente nos meios em que se discute criticamente o assunto, porém há mudanças, há avanços visíveis, mas ainda temos um longo caminho a percorrer.

A importância da leitura é indiscutível quando o assunto em pauta é educação. Afinal, mesmo com o surgimento de tantas novidades tecnológicas a cada dia, os livros continuam sendo uma ferramenta essencial para o processo de aprendizagem e a formação de bons alunos.

No entanto, conforme apontam os resultados, o público brasileiro tem uma média de leitura inferior a cinco livros por ano e muitos nunca compraram um livro, o que ajuda a aumentar o desafio de incluir esse costume.

A escola, enquanto espaço de formação, não pode ficar indiferente a essa tendência, mas pode aproveitar para “entrar na onda” das novas tecnologias educacionais e apresentar novas propostas que chamem a atenção dos alunos.

Acreditamos que nosso trabalho, por mais simples que possa parecer, pode contribuir para mudar algo que está em estado de calamidade na educação, a leitura. Para isso, precisamos sair da nossa zona de conforto, desenvolver ações que levem o educando a reconhecer que, sem a leitura o caminho pode não ser de sucesso, pois em alguns casos as dificuldades de leitura e escrita não são superadas e são levadas durante toda a vida escolar, comprometendo o desempenho do aluno.

Diante dessa dificuldade, que aponta o papel e a importância do professor e do aluno no processo de ensino e aprendizagem que vai além de apenas ensinar. Conclui-se então que é necessário desenvolver ações pedagógicas e de cunho adaptativo para aprendizagem desses alunos, para que ocorra diante do processo ensino aprendizagem a soma de resultados que diminuam as dificuldades na leitura e escrita.

Que eles possam, por meio do conhecimento adquirido, avançar nas próximas séries com menos dificuldades. Que ao desenvolver nosso projeto, adentrarmos a sala de aula, nem tudo sai como desejamos. Tínhamos muita vontade de colaborar com a aprendizagem da nossa comunidade escolar, porém nem toda colaboração é cem por cento, muitas vezes a porcentagem de êxito é pequena, mas de grande valia, quando acreditamos na possibilidade de revolucionar determinada situação.

Tais resultados só serão possíveis com empenho e dedicação total do professor, estando presente e mostrando o mundo como meio de aprendizagem e dando autonomia para o aluno aprender fazendo.

Várias foram as situações enfrentadas pelos alunos e professores na adaptação ao ensino remoto emergencial. Para conseguirmos desenvolver a intervenção, tivemos que juntamente com os alunos superar muitos obstáculos. Dificuldade de contato, localização dos responsáveis e falta de aparelhos eletrônicos, como celular e computador.

Com a leitura e a escrita promovidas pelas vivências no Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras e principalmente, com a reflexão feita com a leitura dos Contos, buscamos colocar em prática a nossa ação.

Embora sejam percebidos os esforços da instituição escolar, é essencial que se

desenvolva o hábito da leitura de obras que abordem temas menos discutidos como as temáticas étnico raciais. Mesmo quando estão presentes nas obras literárias infantis, parece que nem todos os professores debruçam-se sobre a possibilidade de refletir de modo mais efetivo a cultura africana.

Sob a nossa ótica, a leitura de contos africanos como recurso para a coerente difusão da cultura africana nas salas de aulas da educação básica, pode ser um caminho frutuoso para se minimizar estereótipos vinculados aos temas abordados quando se trabalha o africanismo na sala de aula.

Fazer seus alunos se interessarem por leitura é o sonho de todo professor de Língua Portuguesa, porém nem sempre ele consegue. Embora o interesse por parte dos alunos em relação aos livros tenha aumentado, ainda não foi possível perceber, de forma expressiva, esse reflexo na compreensão leitora dos mesmos, sequer nos textos escritos.

As noções de Análise dos Estudos Literários possibilitaram um novo olhar para construir um novo, permitindo refletir a leitura e a escrita nas aulas de Língua Portuguesa; compreender o processo pedagógico, que constituem transformações fundamentais para os alunos.

Desenvolvemos práticas de leitura e escrita “diferentes” das práticas vivenciadas anteriormente, promovendo um deslocamento da nossa prática pedagógica, para outras alternativas, modificando as condições de produção do aluno ao propiciar que estabelecessem relações intertextuais.

Diante de tantas indagações, enquanto professores acreditamos que, ao solicitar a leitura e a discussão dos contos, proporcionamos a riqueza dos diferentes níveis da linguagem aos alunos.

Apesar de termos tido muitas dificuldades, devido o momento pandêmico, conseguimos contornar as situações e desenvolver as atividades a que nos propusemos.

Os alunos, dentro das suas possibilidades leram bastante, descobriram que as aulas remotas incentivavam, para quem, inicialmente não se mostrou interessado; analisaram, aprenderam e gostaram; escreveram e reescreveram.

Mais uma vez tivemos que mudar a proposta inicial: o produto final deixou de ser e-book e mudou para um vídeo sobre o Conto: “O dia em que explodiu Mabata-bata”.

Não foi fácil, as atividades saíram como esperávamos, portanto queremos dizer que essa intervenção, justamente naquele momento difícil, foi algo também novo para aprender num momento novo. Aprendemos que a leitura pode acontecer tanto no livro físico como virtual e que não basta ter livros precisamos usá-los, os alunos precisam ter acesso a eles e o principal mediador desse processo ainda é o professor. Que nesse processo de formação de leitores,

sobretudo de contos africanos, essa pesquisa passou a ser realizada por meio de investigações qualitativas, uma vez que esta revela com objetividade as descrições observadas a partir das análises dos fenômenos educacionais e socioculturais, Através mundo da internet e das aulas remotas.

Sendo assim, pensar na literatura africana em aula de Língua Portuguesa com base intercultural nos permitiu conhecer, sob diferentes ângulos, e nas mais variadas situações e relações com a vida social os processos e expressões correspondentes à dimensão da interculturalidade.

Os resultados da intervenção tiveram êxito, mesmo tendo seu desenvolvimento sob forte pressão pandêmica. Enquanto professora da turma, pude perceber que os alunos que participaram, se envolveram e buscaram entender e colocar em prática as atividades que lhes eram propostas, porém tudo o que enfrentamos para finalizar este projeto, talvez não consiga transmitir escrevendo, pois foram tantos os desafios enfrentados, tanto pelo professor, quanto pelos alunos que a única coisa que nos faz sentir isso é dizer que: Enquanto professores não podemos deixar de buscar o novo para que nossa educação melhore. Não podemos parar nas dificuldades, pois crianças nascem a cada segundo e serão nosso futuro. Dessa forma, aqui fechamos um ciclo, uma etapa, porém não a última.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JÚNIOR, B.; PASCHOALIN, M. A. **História social da literatura portuguesa**. 2ed. São Paulo: Ática, 1985
- ABREU, Márcia (2006). **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Lei 9394, 20 de Dezembro de 1996. MEC/SEMTEC, 2000.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p. Disponível em:
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf Acesso em: 26 out. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Brasil no PISA 2015: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros. Brasília: Inep, 2016.
- CANDIDO, Antonio. **Direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos. 3ª edição**. São Paulo. Suas Cidades, 1995.
- COLOMER, Teresa. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre Artmed, 2002, capítulo 2 -4 parte 1.
- COUTO, Mia. **A menina sem palavra: histórias de Mia Couto**. São Paulo: Boa Companhia, 2013.
- COUTO, M. **O rio das Quatro Luzes**. In: COUTO, M. **O fio das missangas**. São Paulo: Cia das Letras, 2009. p. 111-116.
- FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino de História e Diversidade Cultural: Desafios e Possibilidades**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005. Disponível em: acesso em agosto de 2015.
- KLEIMAN, Angela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**”. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995.
- LAJOLO, Marisa (1999). **Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. 5 ed. São Paulo.: Ática.
- LEITE, Ana Mafalda (2010), **“Breve história, tópicos e questões sobre o ensino das literaturas africanas delíngua portuguesa”**, *Revista Cerrados*, n.º 30, 75-89. In: http://www.arteafricana.usp.br/codigos/textos_didaticos/002/africa_culturas_e_sociedades.hotmail.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

MACEDO, Tânia. **A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa**. Revista Crioula, nº 5, Maio de 2009. Disponível em: . Acesso em Agosto de 2015.

MAQUÊA, Vera Lucia da Rocha. **Memórias inventadas: um estudo comparado entre Relato de um Certo Oriente, de Milton Hatoum e Um Rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra, de Mia Couto**. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MATA, Inocência. **Pelos trilhos a literatura africana em língua portuguesa**. Cadernos do povo, 1992,93 *apud*. PIRES Laranjeira. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

PAULINO, G.; COSSON, R. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. (Org.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **O ensino da literatura**. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PETIT, Michèle. (1998) *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. (2008) **A arte de ler, ou como resistir à** São Paulo: Editora 34, 2010.

ROUXEL, Anne. **Aspectos metodológicos do ensino da literatura**. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (Org.) *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. 3. ed. São Paulo: Difel, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. [livro eletrônico]. Curitiba: Ibpex, 2012. (Série Literatura em Foco).

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, n. 14, dez. 2008.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. **Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990, 64p.

ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 10. ed. Rev. Atual. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. (Série Novas Perspectivas, 1 - vários autores).

APÊNDICES - PROPOSTA DE ATIVIDADE DESENVOLVIDA NA INTERVENÇÃO



ESCOLA MUNICIPAL 03 DE MAIO

Rua José Nilo Ferreira, 157, bairro Bica D'água- Paranatinga- MT.CEP 78.870-000

PLANO DE AULA I - (Aulas não presenciais, desenvolvidas remotamente).

Componente curricular da Área de Linguagens: Língua Portuguesa.

Professora: Silvia Maria da Silveira

Turma: 5º Ano

Data: 23 e 30 de março de 2020 – 4 aulas com 45 min cada.

TEMA: Leitura remota a partir de Contos.

CONTEÚDO: Conceitos de leitura.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Mostrar o Projeto para a coordenação, direção e professores.

Objetivos específicos:

1. Apresentar proposta.Explanar sobre o trabalho a ser desenvolvido.

METODOLOGIAS E RECURSOS:

1º Momento: Nessa apresentação explicar sobre o PROFLETRAS, como seria a intervenção e quais metodologias seriam usadas no desenvolvimento da proposta.

2º Momento: Apresentação remota da proposta do projeto aos alunos.

3º Momento: Informações sobre o gênero conto. Questionário de investigação sobre os contos.

Socializar respostas do questionário.

Avaliação: O processo avaliativo, nesta aula, será a participação



ESCOLA MUNICIPAL 03 DE MAIO

Rua José Nilo Ferreira, 157, bairro Bica D'água- Paranatinga- MT.CEP 78.870-000

PLANO DE AULA II - (Aulas não presenciais, desenvolvidas remotamente).

Componente curricular da Área de Linguagens: Língua Portuguesa.

Professora: Silvia Maria da Silveira

Turma: 5º Ano

Data: 17 e 18 de junho de 2020 – 2 aulas com 45 min.

TEMA: Uma conversa remota sobre Contos Africanos: Um caminho para a leitura e escrita no 5ºano.

CONTEÚDO: Prática de Linguagem: Leituras/escrita (compartilhada e autônoma).

Gêneros textuais: conto, produção textual oral.

TEXTO: O dia em que explodiu Mabata Bata, texto literário.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Possibilitar aos alunos do 5o. Ano do Ensino Fundamental, com ensino remoto (*on line*), as capacidades linguísticas de ler, escrever textos, por meio de narrativas literárias, de forma reflexiva, tendo como tema gerador o conto africano, a fim de que eles alcancem a compreensão da língua como interação social.

Objetivos específicos:

1. Propor aos alunos do 5º ano, leituras do conto africano O dia em que explodiu Mabata bata para que assim, possamos formular, discutir e defender ideias, que promovam a consciência social e o olhar que visa cuidados de si mesmo, dos outros e do mundo.
2. Incentivar a leitura reflexiva, produtiva textual e oral, que circulem em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sensibilidade para continuar aprendendo.

METODOLOGIAS E RECURSOS:

1º Momento: A aula virtual, com uso do app WhatsApp, iniciará com a acolhida aos alunos (a professora irá conversar um pouco sobre o momento delicado em que o mundo passa, serão

informados sobre a rotina diária da retomada ao **Projeto Literário: Contos Africanos: Um caminho para a leitura e escrita no 5º ano**, já apresentado à classe no início das aulas, antes da pandemia COVID-19, detalhando-lhes as atividades a serem realizadas com o ensino remoto, feito com os celulares ou computadores dos alunos, em suas casas, conforme agendado previamente com seus responsáveis. Após a conversa será lido o conto *O dia em que explodiu Mabada bata* de Mia Couto.

2º Momento: Apresentaremos a proposta de estudo explanando que serão atividades de leitura e escrita com o auxílio do celular, computador, livros e pesquisas por meio de entrevistas, busca em sites na Internet e observações. Nessa etapa, a fim de que possamos solidificar a nossa proposta de trabalho, faz-se necessário saber o quanto os alunos possuem de conhecimento sobre o conteúdo a ser tratado.

3º Momento: Iniciaremos uma Sequência Básica (motivação, introdução, leitura, interpretação) de acordo com o que propõe Todorov, (2009), sinaliza para a importância da Literatura na formação humana quando chama atenção para o caráter constitutivo, humanizador que o contato com esta forma artística da linguagem proporciona. O autor explica porque, enquanto leitor, nutre um sentimento de afeição pelos textos literários. A ação motivacional e introdutória será a exibição de um vídeo com a história de Azarias no conto. A leitura já realizada, previamente pelos alunos.

4º Momento: Comentar e explicar a linguagem literária/ficcional, o uso da linguagem figurada, das linguagens verbal e não verbal. Fazer a despedida e convidá-los para o segundo encontro no dia seguinte. Será indicado via mensagem no aplicativo de *WhatsApp*, aos alunos alguns endereços eletrônicos:

- www.ebiografia.com › mia_couto
- Guerra Civil Moçambicana – Wikipédia, a enciclopédia livre.

AVALIAÇÃO:

O processo avaliativo, nesta aula, será interativo, acontecerá durante todos os momentos, por meio da exposição oral das ideias, da leitura, da seleção de trechos da narrativa e a expressão artística apresentados no Vídeo-minuto.



ESCOLA MUNICIPAL 03 DE MAIO

Rua José Nilo Ferreira, 157, bairro Bica D'água- Paranatinga- MT.CEP 78.870-000

PLANO DE AULA III - (Aulas não presenciais, desenvolvidas remotamente).

Componente curricular da Área de Linguagens: Língua Portuguesa.

Professora: Silvia Maria da Silveira

Turma: 5º Ano

Data: 22 a 26 de junho de 2020 – 6 aulas com 45 min.

TEMA: - O sujeito e seu lugar no mundo/ Conexões e escalas/ Natureza, ambientes e qualidade de vida.

CONTEÚDO: Leitura/escuta (compartilhada e autônoma).

TEXTO: Por que os cães se cheiram, uns aos outros.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Reconhecer as características da África e suas interações entre a cidade e o campo.

Objetivos específicos:

1. Identificar mitos de criação em diferentes culturas e tradições.
2. Explanar sobre elementos organizacionais e estruturais dos contos africanos e suas especificidades.

METODOLOGIAS E RECURSOS:

1º Momento: Iniciar a aula com a rotina diária. Conceito e debate do gênero textual vídeo. Enviar vídeo para o grupo.

2º Momento: Apresentaremos a proposta de vídeo. Nessa etapa, a fim de que possamos solidificar a nossa proposta de produto final.

3º Momento: Explicar porque, enquanto leitor, podemos desenvolver sentimento de afeição pelos textos literários.

4º Momento: Apresentar o produto final, (vídeo) na sua fase final, para que todos alunos possam opinar e acrescentar ideias.

AVALIAÇÃO: Avaliação: Será através de observação diária sobre o aluno durante as aulas online, pelo aplicativo WhatsApp.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ATIVIDADE 1:

Perguntar para os alunos o que eles conhecem sobre a África. Conversar com os alunos sobre a história da África, sobre a vinda dos africanos para o Brasil, sobre a riqueza da cultura africana e sua influência na cultura brasileira (músicas, comidas, histórias, religiões).

Em seguida, verificar se os alunos conhecem algum conto africano. Caso conheçam, pedir que contem para seus colegas.

ATIVIDADE 2:

Apresentar o conto “Por que os cães se cheiram uns aos outros?” que faz parte do livro *Bichos da África: Lendas e Fábulas*, de Rogério Andrade Barbosa.

Apresentar a capa do livro para os alunos: (Disponível nos anexos).

Perguntar para eles: Qual o título do livro? O que as ilustrações mostram? Que tipo de histórias esperam encontrar no interior do livro?

ATIVIDADE 3:

Fazer a leitura do conto africano: *O dia em que explodiu Mabata Bata, Mia Couto* e responder:

- a) Narração dos trechos que mais gostou;
- b) Dizer o que aprendeu e o que não gostou.

ATIVIDADE IV: (Atividade entregue na escola).

1. o conto se inicia com a explosão do boi Mabata-bata. Descreva como aconteceu essa explosão.
2. Qual foi a reação do pequeno pastor Azarias ao ver a explosão?
3. O boi diferenciava-se dos demais, O narrador chega a chamá-lo de "régulo da chifraria". Veja uma das definições da palavra régulo no dicionário:
RÉGULO= CHEFE DE POVO INDIGENA OU DE PEQUENO ESTADO DA ÀFRICA.
Considerando essa definição e esse apelido, qual era a importância de Mabata-bata?
4. O menino pensou que os bois poderiam ter sido relampejados, mas logo descartou essa hipótese. Que outra hipótese ele formulou?
5. Azarias foi tomado pelo medo do tio, pois este havia dito que ele não poderia perder nenhum boi. Neste momento da narrativa, ficamos conhecendo um pouco mais o pequeno pastor azarias. Como era a vida do menino?
6. Ao dizer que " os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não, não era filho" Que informações o narrador nos dá sobre o menino?
7. Como "não filho" o menino não tinha direito a infância. Transcreva o trecho que o leitor reconhece isso.
8. Quando o tio e a avó o encontram, Azarias impõe uma condição para voltar com eles para casa. Qual?
9. Como você explica esse desejo tão grande de Azarias de ir à escola?
- 10.No momento em que o tio finge aceitar as condições do menino e o pequeno pastor vai ao encontro da avó Carolina, o que acontece/ descreva esse acontecimento.

ATIVIDADE V: Vídeo produzido

Link do Vídeo

<https://youtu.be/1njKSK5Auck>

REFERÊNCIAS:

COUTO, Mia. **O dia em que explodiu Mabata-bata**. In: _____ .Vozes anoitecidas. 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

ANEXOS

ANEXO I - PROJETO: CONTOS AFRICANOS: UM CAMINHO PARA A LEITURA E ESCRITA NO QUINTO ANO

CONTOS AFRICANOS: O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA-BATA - Mia Couto



De repente, o boi explodiu. Rebentou sem um múúú. No capim em volta choveram pedaços e fatias, grão e folhas de boi. A carne eram já borboletas vermelhas. Os ossos eram moedas espalhadas. Os chifres ficaram num qualquer ramo, balouçando a imitar a vida, no invisível do vento.

O espanto não cabia em Azarias, o pequeno pastor. Ainda há um instante ele admirava o grande boi malhado, chamado de Mabata-bata. O bicho pastava mais vagaroso que a preguiça. Era o maior da manada, régulo da chifraria, e estava destinado como prenda de lobolo do tio Raul, dono da criação. Azarias trabalhava para ele desde que era órfão. Despegava antes da luz para que os bois comessem o cacimbo das primeiras horas.

Olhou a desgraça: o boi poeirado, eco de silêncio, sombra de nada.

«*Deve ser foi um relâmpago*», pensou.

Mas relâmpago não podia. O céu estava liso, azul sem mancha. De onde saíra o raio? Ou foi a terra que relampejou?

Interrogou o horizonte, por cima das árvores. Talvez o ndlati, a ave do relâmpago, ainda rodasse os céus. Apontou os olhos na montanha em frente. A morada do ndlati era ali, onde se juntos os todos rios para nascerem para nascerem da mesma vontade da água. O ndlati vive nas suas quatro cores escondidas e só se destapa quando as nuvens rugem na

rouquidão do céu. É então que o ndlati sobe aos céus, enlouquecido. Nas alturas se veste de chamas, e lança seu vôo incendiado sobre os seres da terra. Às vezes atira-se no chão, buracando-o. Fica na cova e ali deita a sua urina.

Uma vez foi preciso chamar as ciências do velho feiticeiro para escovar aquele ninho e retirar os ácidos depósitos. Talvez o Mabata-bata pisara uma réstia maligna do ndlati. Mas quem podia acreditar? O tio, não. Havia de querer ver o boi falecido, ao menos ser apresentado uma prova do desastre. Já conhecia bois relampejados: ficavam corpos queimados, cinzas arrumadas a lembrar o corpo. O fogo mastiga, não engole de uma só vez, conforme sucedeu-se.

Reparou em volta, os outros bois assustados, espalharam-se pelo mato. O medo escorregou dos olhos do pequeno pastor.

Não apareças sem um boi, Azarias. Só digo: é melhor nem apareceres.

A ameaça do tio soprava-lhe os ouvidos. Aquela angústia comia-lhe o ar todo. Que podia fazer? Os pensamentos corriam-lhe como sombras mas não encontravam saídas. Havia uma só solução: era fugir, tentar os caminhos onde não sabia mais nada. Fugir é morrer de um lugar e ele, com os seus calções rotos, um saco velho a tiracolo, que saudade deixava? Maus tratos, atrás dos bois. Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não, não era filho. O serviço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro dele já não havia resto de infância. Brincar era só com os animais: nadar o rio a boleia do rabo do Mabata-bata, apostar na briga dos mais fortes. Em casa, o tio advinha- lhe o futuro:

Este, da maneira que vive misturado com a criação há-de casar com uma vaca.

E todos se riam, sem quererem saber da sua alma pequenina, dos seus sonhos maltratados. Por isso, olhou sem pena para o campo que iria deixar. Calculou o dentro do seu saco: uma fiska, frutos de djambalau, um canivete enferrujado. Tão pouco não pode deixar saudade. Partiu na direcção do rio. Sentia que não fugia: estava apenas a começar o seu caminho. Quando chegou ao rio, atravessou a fronteira da água. Na outra margem parou à espera nem sabia de quê.

Ao fim da tarde a avó Carolina esperava Raul à porta da casa. Quando chegou ela disparou a aflição:

-Essas horas e o Azarias ainda não chegou com os bois.

O quê? Esse malandro vai apanhar muito bem, quando chegar.

Não é que aconteceu uma coisa, Raul? Tenho medo, esses bandidos ...

Aconteceu brincadeira dele, mais nada.

Sentaram na esteira e jantaram. Falaram das coisas do lobolo, preparação do casamento. De repente, alguém bateu à porta. Raul levantou-se interrogando os olhos da avó Carolina. Abriu a porta: eram os soldados, três.

Boa noite, precisam alguma coisa?

Boa noite, viemos comunicar o acontecimento: rebentou uma mina esta tarde, foi um boi que pisou. Agora, esse boi pertencia daqui.

Outro soldado acrescentou:

Queremos saber onde está o pastor dele.

O pastor estamos à espera – respondeu Raul. E vociferou: – Malditos bandos!

Quando chegar queremos falar com ele, saber como foi sucedido. É bom ninguém sair na parte da montanha. Os bandidos andaram espalhar minas nesse lado.

Despediram. Raul ficou, rodando à volta das suas perguntas. Esses sacana do Azarias onde foi? E os outros bois andariam espalhados por aí?

Avó: eu não posso ficar assim. Tenho que ir ver onde está esse malandro. Deve ser talvez deixou a manada fugentar-se. É preciso juntar os bois enquanto é cedo.

Não podes, Raul. Olha os soldados o que disseram. É perigoso.

Mas ele desouviu e meteu-se pela noite. Mato tem subúrbio? Tem: é onde o Azarias conduzia os animais. Raul, rasgando-se nas micaias, aceitou a ciência do miúdo. Ninguém competia com ele na sabedoria da terra. Calculou que o pequeno pastor escolhera refugiar-se no vale.

Chegou ao rio e subiu às grandes pedras. A voz superior, ordenou:

Azarias, volta. Azarias!

Só o rio respondia, desenterrando a sua voz corredeira. Nada em toda à volta. Mas ele adivinhava a presença oculta do sobrinho.

Apareças lá, não tenhas medo. Não vou-te bater, juro.

Jurava mentiras. Não ia bater: ia matar-lhe de porrada, quando acabasse de juntar os bois. No enquanto escolheu sentar, estátua de escuro. Os olhos habituados à penumbra desembarcaram na outra margem. De repente, escutou passos no mato. Ficou alerta.

Azarias?

Não era. Chegou-lhe a voz de Carolina.

Sou eu, Raul.

Maldita velha, que vinha ali fazer? Trapalhar só. Ainda pisava na mina, rebentava-se e, pior, estoirava com ela também.

Volta em casa, avó!

O Azarias vai negar de ouvir quando chamares. A mim, há-de ouvir.

E aplicou sua confiança, chamando o pastor. Pro trás das sombras, uma silhueta deu aparecimento.

És tu, Azarias. Volta comigo, vamos pra casa.

Não quero, vou fugir.

O Raul foi descendo, gatinhoso, pronto pra saltar e agarrar as goelas do sobrinho.

Vais fugir para onde, meu filho?

Não tenho onde, avó.

Esse gajo vai voltar nem que eu lhe chamboqueie até partir-se dos bocados – precipitou-se a voz rasteira de Raul.

Cala-te, Raul. Na tua vida nem sabes da miséria – E voltando-se para o pastor:

Anda meu filho, só vens comigo. Não tens culpa do boi que morreu. Anda ajudar o teu tio juntar os animais.

Não é preciso. Os bois estão aqui, perto comigo.

Raul ergueu-se, desconfiado. O coração batucava-lhe o peito.

Como é? Os bois estão aí?

Sim, estão.

Enroscou-se o silêncio. O tio não estava certo da verdade de Azarias.

Sobrinho: fizeste mesmo? Juntaste os bois?

A avó sorria pensando no fim das brigas daqueles os dois. Prometeu um prêmio e pediu ao miúdo que escolhesse.

O teu tio está muito satisfeito. Escolhe. Há-de respeitar o teu pedido.

Raul achou melhor concordar com tudo, naquele momento. Depois, emendaria as ilusões do rapaz e voltariam as obrigações do serviço das pastagens.

Fala lá o seu pedido.

Tio: próximo ano posso ir na escola?

Já adivinhava. Nem pensar. Autorizar a escola era ficar sem guia para os bois. Mas o momento pedia fingimento e ele falou de costas para o pensamento:

Vais, vais.

É verdade, tio?

Quantas bocas tenho, afinal?

Posso continuar ajudar nos bois. A escola só frequentamos da parte de tarde.

Está certo. Mas tudo isso falamos depois. Anda lá daqui.

O pequeno pastor saiu da sombra e correu o areal onde o rio dava passagem. De súbito, deflagrou um clarão, parecia o meio-dia da noite. O pequeno pastor engoliu aquele todo vermelho, era o grito do fogo estourando. Nas migalhas da noite viu descer o ndlati, a ave do relâmpago. Quis gritar:

Vens pousar quem, ndlati?

Mas nada não falou. Não era o rio que afundava suas palavras: era um fruto vazando de ouvidos, dores e cores. Em volta tudo fechava, mesmo o rio suicidava sua água, o mundo embrulhava o chão nos fumos brancos.

Vens pousar a avó, coitada, tão boa? Ou preferes no tio, afinal das contas, arrependido e prometente como o pai verdadeiro que morreu-me?

E antes que a ave do fogo se decidisse Azarias correu e abraçou-a na viagem de sua chama.

ANEXO II

AS MÃOS DOS PRETOS

Luís Bernardo Honwana

Já não sei a que propósito é que isto vinha, mas o senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. Lembrei-me disso quando o Senhor padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores que nós, voltou a falar nisso de as mãos serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles andavam com elas às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar.

Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras que agora é ver- me não largar seja quem for enquanto não me disser porque é que eles têm as mãos assim tão claras. A Dona Dores, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deve ficar senão limpa.

O Antunes da Coca-Cola, que só aparece na vila de vez em quando, quando as Coca-Colas das cantinas já tenham sido vendidas, disse que o que me tinham contado era aldrabice. Claro que não sei se realmente era, mas ele garantiu-me que era. Depois de lhe dizer que sim, que era aldrabice, ele contou então o que sabia desta coisa das mãos dos pretos. Assim:

- Antigamente, há muitos anos, Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram em moldes usados de cozer o barro das criaturas, levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber porque é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?!

Depois de contar isto o Senhor Antunes e os outros Senhores que estavam à minha volta desataram a rir, todos satisfeitos.

Nesse mesmo dia, o Senhor Frias chamou-me, depois de o Senhor Antunes se ter ido embora, e disse-me que tudo o que eu tinha estado para ali a ouvir de boca aberta era uma

grandessíssima pêta.

Coisa certa e certinha sobre isso das mãos dos pretos era o que ele sabia: que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banhai num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo.

Mas eu li num livro que por acaso falava nisso, que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco da Virgínia e de mais não sei onde. Já se vê que Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só por as mãos deles desbotarem à força de tão lavadas.

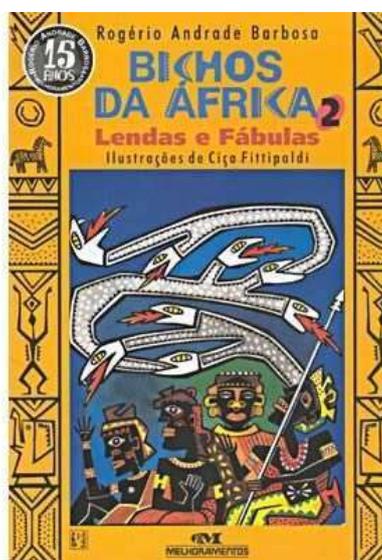
Bem, eu não sei o que vá pensar disso tudo, mas a verdade é que, ainda que calosas e gretadas, as mãos dum preto são mais claras que todo o resto dele. Essa é que é essa!

A minha mãe é a única que deve ter razão sobre essa questão das mãos dos pretos serem mais claras do que o resto do corpo. No outro dia em que falámos nisso, eu e ela, estava-lhe eu ainda a contar o que já sabia dessa questão e ela já estava farta de rir. O que achei esquisito foi que ela não me dissesse logo o que pensava disso tudo, quando eu quis saber, e só tivesse respondido depois de se fartar de ver que eu não me cansava de insistir sobre a coisa, e esmo até chorar, agarrada à barriga como quem não pode mais de tanto rir. O que ela disse foi mais sou menos isto:

- Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de os haver.... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para casa deles para os pôr a servir de escravos ou pouco mais. Mas como Ele já não os pudesse fazer ficar todos brancos, porque os que já se tinham habituados a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exactamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra dos homens...Que o que os homens fazem é efeito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tivessem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos.

Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos.

ANEXO III



Por que os cães se cheiram uns aos outros?

Rogério Andrade Barbosa.

Quando os cães governavam-se a si mesmos, havia dois grandes reinos chefiados por poderosos cães. Cada um deles gabava-se de ter mais súditos e riquezas do que o outro. Embora fossem adversários, viviam em paz, e essa trégua só foi quebrada no dia em que um deles se apaixonou pela irmã do outro chefe. Perdido de amores, ele se dirigiu pessoalmente aos domínios do rival:

– Meu nobre amigo – disse o cão apaixonado –, fiz essa longa e cansativa viagem até o teu reino para pedir a mão da tua irmã em casamento.

– Com a minha irmã! – respondeu aos gritos o outro cão –, não quero que você case com ela de jeito nenhum.

Humilhado com a resposta, o cão desdenhado voltou furioso para sua corte. Assim que chegou, reuniu o Conselho de Guerra e mandou chamar um fiel servidor para que levasse a seguinte mensagem ao seu inimigo:

– Diga-lhe que como me recusou a mão da irmã, que se prepare para lutar, pois dentro de poucos dias irei marchar com meu exército para destruí-lo.

O mensageiro ouviu tudo bem direitinho e já ia partindo quando um dos conselheiros reais o chamou:

– Você não pode sair assim todo sujo – disse o conselheiro real. – A sua cara e a

cauda estão imundas.

Os criados deram um longo banho no mensageiro e perfumaram a cauda dele com os melhores perfumes do reino, pois de acordo com os costumes daquele tempo, um mensageiro tinha que se preparar adequadamente para executar uma tarefa.

No caminho, o mensageiro achou-se tão cheiroso e galante que começou a procurar esposas para ele mesmo, deixando de lado a missão que o chefe havia lhe confiado.

É por isso que os cães andam sempre atrás uns dos outros, cheirando as suas caudas, para verem se acham o mensageiro perdido.